

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRAL DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**O MEIO AMBIENTE E A SUSTENTABILIDADE NO ENSINO DE HISTÓRIA:
REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE E A CONCEPÇÃO DOS
ALUNOS DOS ANOS INICIAIS.**

ANGELA RODRIGUES OLIVEIRA



CAMPINA GRANDE
2013

ANGELA RODRIGUES OLIVEIRA

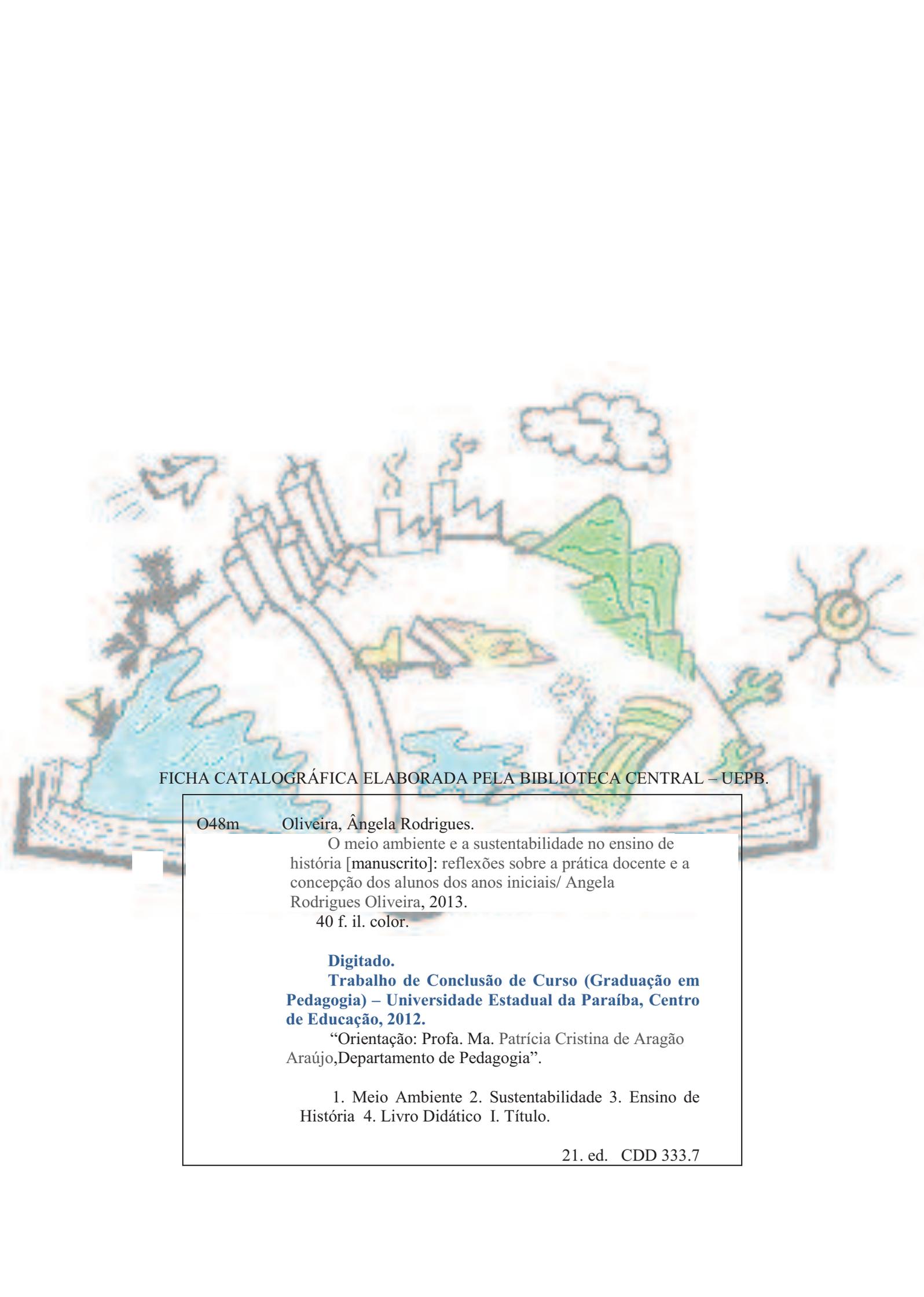
O MEIO AMBIENTE E A SUSTENTABILIDADE NO ENSINO DE HISTÓRIA:
REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE E A CONCEPÇÃO DOS ALUNOS
DOS ANOS INICIAIS.

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de graduada.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo

Campina Grande

2013



FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB.

O48m Oliveira, Ângela Rodrigues.

O meio ambiente e a sustentabilidade no ensino de história [manuscrito]: reflexões sobre a prática docente e a concepção dos alunos dos anos iniciais/ Angela Rodrigues Oliveira, 2013.

40 f. il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Profa. Ma. Patrícia Cristina de Aragão Araújo, Departamento de Pedagogia”.

1. Meio Ambiente 2. Sustentabilidade 3. Ensino de História 4. Livro Didático I. Título.

21. ed. CDD 333.7

**O MEIO AMBIENTE E A SUSTENTABILIDADE NO ENSINO DE HISTÓRIA:
REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE E A CONCEPÇÃO DOS
ALUNOS DOS ANOS INICIAIS.**

ANGELA RODRIGUES OLIVEIRA

BANCA EXAMINADORA

Patricia Cristina de Aragão Araujo NOTA: 9,5
Profa. Dra. Patricia Cristina de Aragão Araujo (UEPB/CEDUC/DH)
Orientadora

Zélia Maria de Arruda Santiago NOTA: 9,5
Profa. Dra. Zélia Maria de Arruda Santiago (UEPB/CEDUC/DE)
Professora avaliadora: 1º membro

Daniel Ely Silva Barbosa NOTA: 9,5
Prof. Me. Daniel Ely Silva Barbosa (UEPB/CEDUC/DH)
Professor avaliador: 2º membro

Trabalho aprovado em: 02 de setembro de 2013
Média: 9,5

CAMPINA GRANDE – PB

2013



*A DEUS, meus familiares, amigos
e ao meu esposo
que me incentivaram nessa longa caminhada...*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a DEUS por ter me dado discernimento e capacidade para escrita deste trabalho;

À meu esposo Robson por estar ao meu lado, me incentivando, durante todo o processo de construção;

À minha orientadora Patrícia Cristina que tanto me ajudou a construir esse trabalho sempre se mostrando disponível em tudo o que eu precisasse;

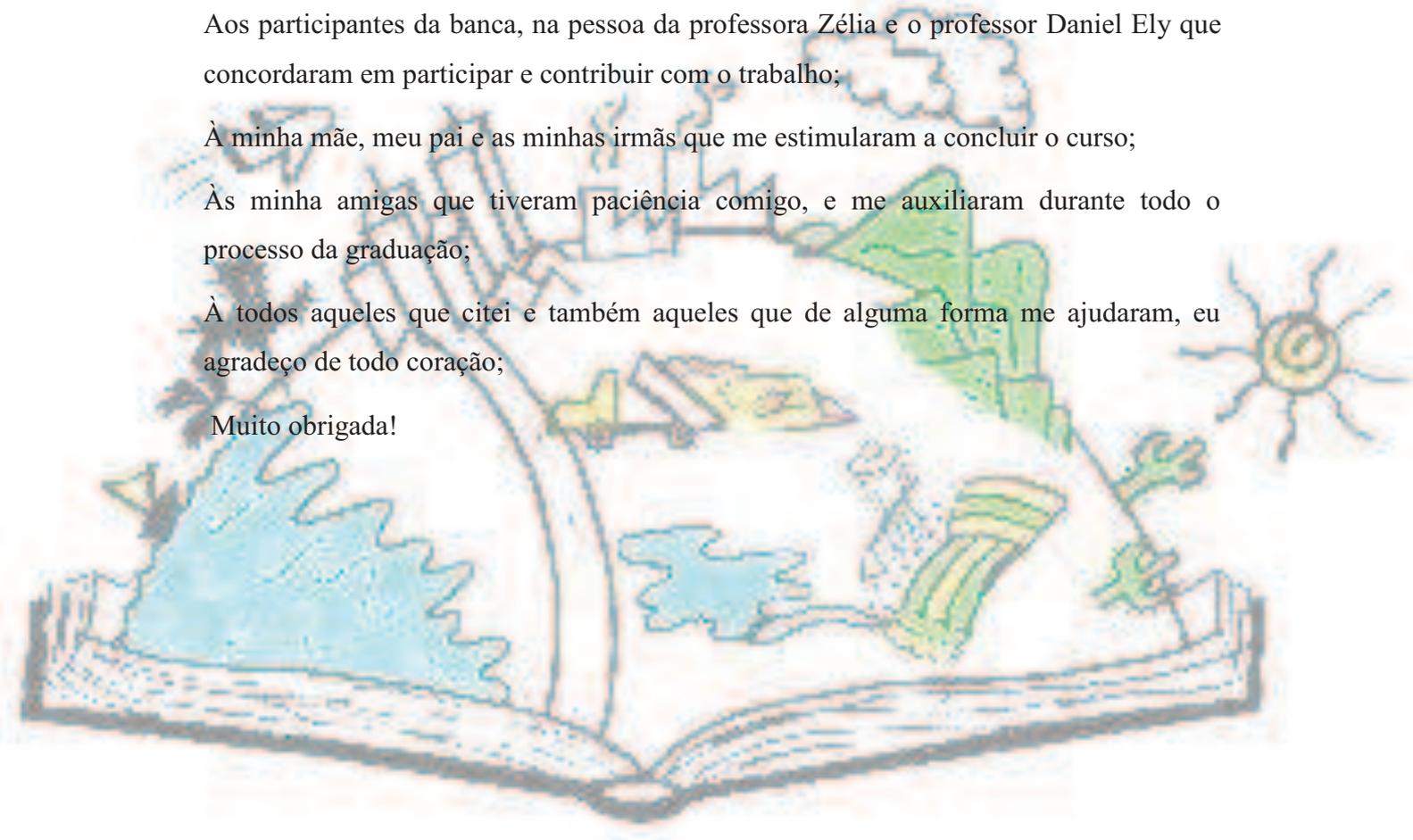
Aos participantes da banca, na pessoa da professora Zélia e o professor Daniel Ely que concordaram em participar e contribuir com o trabalho;

À minha mãe, meu pai e as minhas irmãs que me estimularam a concluir o curso;

Às minha amigas que tiveram paciência comigo, e me auxiliaram durante todo o processo da graduação;

À todos aqueles que citei e também aqueles que de alguma forma me ajudaram, eu agradeço de todo coração;

Muito obrigada!





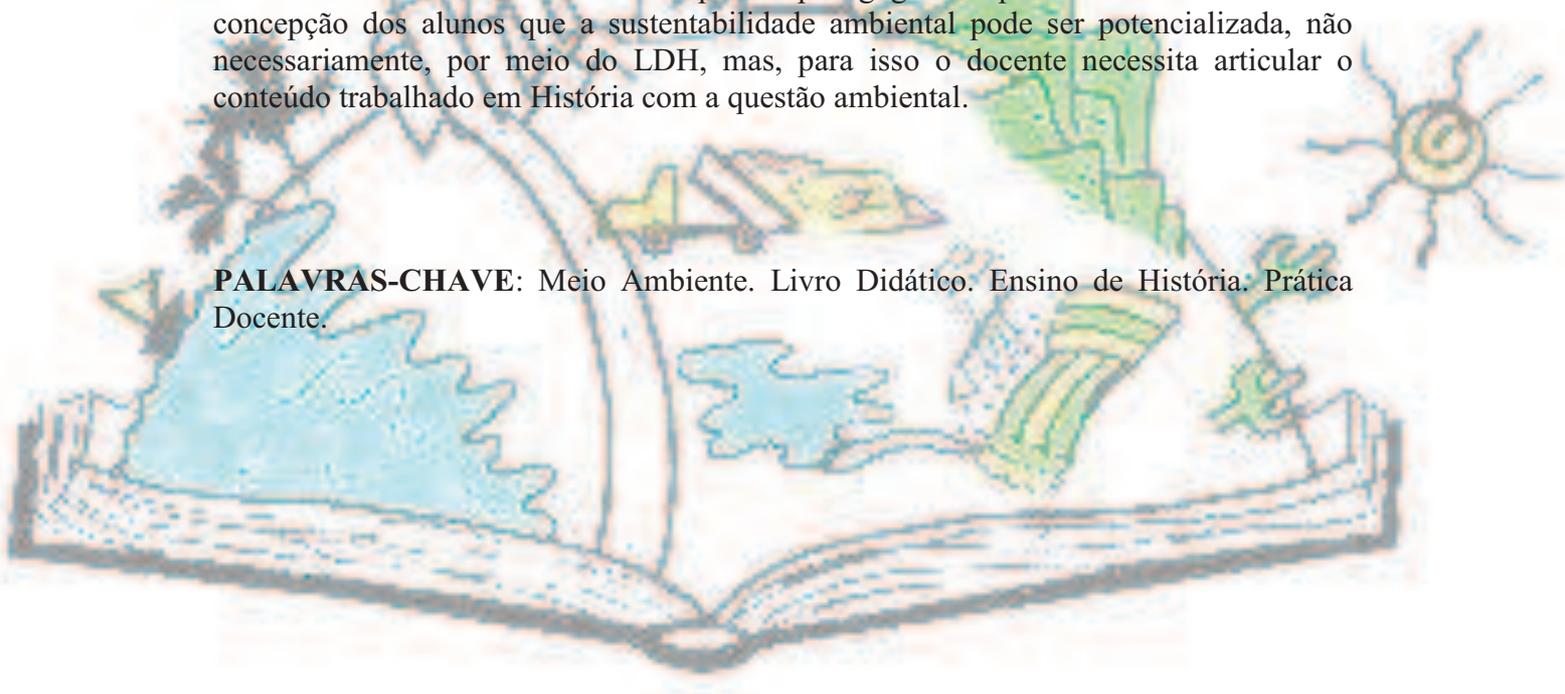
“A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”.

Nelson Mandela

RESUMO

O meio ambiente vem sofrendo a cada dia com a exploração dos recursos naturais pelo ser humano, e neste razão, a escola pode desenvolver o papel de inferir sobre esses acontecimentos por mão das áreas do conhecimento já existentes a partir de uma abordagem interdisciplinar, conforme reiteram os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Nesse sentido, o objetivo desse trabalho é compreender como a proposta de ensino acerca da sustentabilidade ambiental subjacente ao Livro Didático de História (LDH) é abordada na prática docente e representada na concepção dos alunos dos Anos Iniciais. A nossa proposta é entender como os alunos do 4º ano dos anos iniciais elaboram suas representações sobre meio ambiente a partir das aulas da referida disciplina, bem como verificar como essas questões são tratadas no livro didático dos alunos. Como metodologia, realizamos uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso articulada com a pesquisa bibliográfica e documental, através da técnica de questionário, aplicado com a professora e alunos do 4º ano do ensino fundamental da Escola Escritor Alceu Amoroso Lima. Como referencial teórico, utilizamos Bittencourt (2003), Tardif (2005), Freire (1996), Silva e Fonseca (2010) e analisamos documentos como: Parâmetros Curriculares Nacionais e a Lei de Diretrizes e base da educação Nacional. Verificamos com base na prática pedagógica da professora de história e da concepção dos alunos que a sustentabilidade ambiental pode ser potencializada, não necessariamente, por meio do LDH, mas, para isso o docente necessita articular o conteúdo trabalhado em História com a questão ambiental.

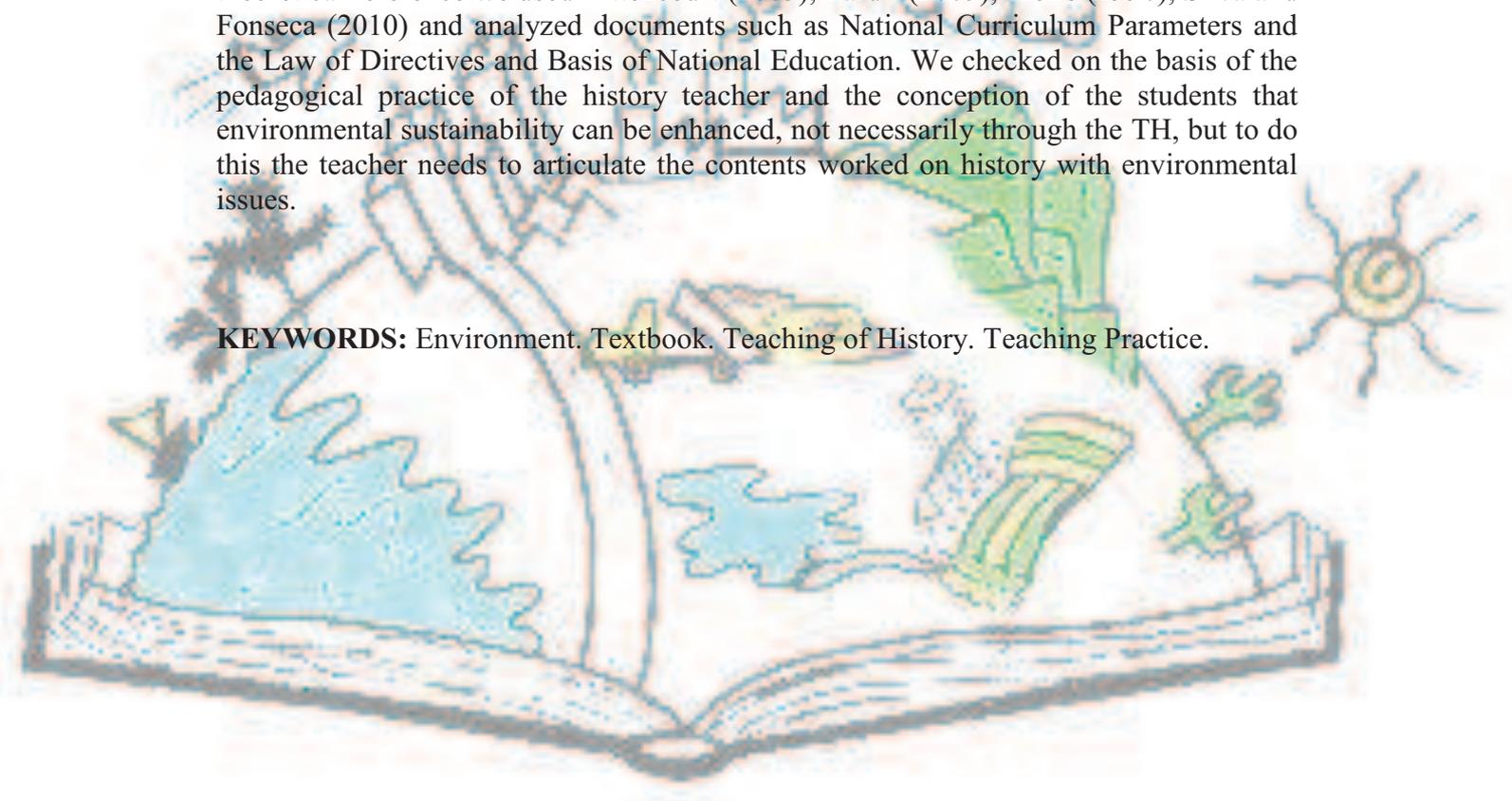
PALAVRAS-CHAVE: Meio Ambiente. Livro Didático. Ensino de História. Prática Docente.



ABSTRACT

The environment is suffering every day with the exploitation of natural resources by humans, and in this occasion the school can develop the role of inferring about these events by means of knowledge areas existing from an interdisciplinary approach, as reiterate the National Curriculum Parameters (NCP). In this sense, the aim of this work is to understand how the proposal for teaching about environmental sustainability underlying the Textbooks History (TH) is addressed in teaching practice and represented in the conception of the students in the early years. Our proposal is to understand how students of the 4th year of the initial years prepare their representations about the environment from the lessons of that discipline as well as verifying how these issues are addressed in the students' textbook. As methodology, we performed a qualitative research of case study type articulated with bibliographical and documental research through the questionnaire technique applied with the teacher and students in the 4th year of elementary education from the School Writer Alceu Amoroso Lima. As theoretical reference we used Bittencourt (2003), Tardif (2005), Freire (1996), Silva and Fonseca (2010) and analyzed documents such as National Curriculum Parameters and the Law of Directives and Basis of National Education. We checked on the basis of the pedagogical practice of the history teacher and the conception of the students that environmental sustainability can be enhanced, not necessarily through the TH, but to do this the teacher needs to articulate the contents worked on history with environmental issues.

KEYWORDS: Environment. Textbook. Teaching of History. Teaching Practice.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE: A PRÁTICA PEDAGÓGICA DA PROFESSORA E A SUSTENTABILIDADE.....	14
1.1 A educação básica e a prática docente nos anos iniciais: Perspectivas e desafios.....	14
1.2 O contexto educacional brasileiro e a questão ambiental: pensando a sustentabilidade na educação escolar nos anos iniciais.....	19
2. O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS: ABORDAGENS SOBRE MEIO AMBIENTE E A PRÁTICA DOCENTE.....	26
2.1 O ensino de história: Perspectivas e desafios para pensar os anos iniciais.....	26
2.2 A prática pedagógica docente e o livro didático: O trabalho na escola e a ação educacional.....	33
3. O MEIO AMBIENTE E A SUSTENTABILIDADE NOS ANOS INICIAIS: A PRÁTICA DOCENTE, A VISÃO DO ALUNO E O LIVRO DIDÁTICO.....	38
3.1 Caracterizações da área estudada.....	38
3.2 Meio ambiente no livro didático: análises no ensino de História.....	41
3.2.1 A prática pedagógica da professora no 4º ano dos anos iniciais: percepções sobre meio ambiente e sustentabilidade.....	46
3.2.2 Visões do aluno sobre questões ambientais.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	57
APÊNDICE.....	60

INTRODUÇÃO

O meio ambiente vem sofrendo a cada dia com a exploração dos recursos naturais pelo ser humano, isso é resultado do crescimento da população que, conseqüentemente, gera o aumento do consumo desses recursos.

Buscar formas sustentáveis que minimizem a exploração desses bens naturais e conscientizar as pessoas da importância do meio ambiente para nossa existência é uma das tarefas da escola, pois, através do ensino do meio ambiente, o educador pode enfatizar o percurso que resultou na ocorrência dos problemas ambientais. Para tanto, o professor deve fazer uso das disciplinas existentes, a exemplo da disciplina de História. Dessa forma, ele trabalhará de acordo com a proposta sugerida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que é o trabalho com o meio ambiente de forma transversal nas diversas áreas do conhecimento.

Diante da possibilidade de trabalhar o tema meio ambiente a partir das aulas de História, o objetivo desse trabalho é compreender como a proposta de ensino acerca da sustentabilidade ambiental subjacente ao Livro Didático de História (LDH) é abordada na prática docente e representada na concepção dos alunos dos Anos Iniciais.

Para tanto, nossa proposta é: entender como os alunos do 4º ano dos anos iniciais elaboram suas representações do meio ambiente a partir das aulas de História; discutir sobre a prática docente da professora dos anos iniciais e suas concepções sobre meio ambiente e sustentabilidade; mostrar como no livro didático de História do 4º ano dos anos iniciais a questão ambiental é enfatizado e articular o ensino de história e a questão ambiental nos anos iniciais focalizando discussões sobre a sustentabilidade.

O que nos fez pesquisar como, e se a partir das aulas de História é possível ensinar sobre meio ambiente foi a afeição com a temática ambiental. O fato desse tema ser pouco trabalhado ou abordado de forma superficial despertou-nos o interesse em conhecer práticas que envolvessem o tema meio ambiente através do ensino de outras disciplinas. Em conversa com a nossa orientadora, veio à sugestão de pesquisar o ensino acerca do meio ambiente dentro da perspectiva da História, a fim de verificar de que forma o livro didático pode contribuir para o desenvolver de tal prática.

Esperamos que esta pesquisa contribua para o desenvolvimento da prática de professores dos anos iniciais do ensino fundamental, pois estes compreenderão que o ensino sobre meio ambiente através das aulas de História se constitui como possível, e na prática entender, através de exemplos, como explorar assuntos de meio ambiente nas

aulas de História, sobretudo por meio do livro didático, material fundamental e de grande utilização na prática docente dos anos iniciais.

Como referencial teórico, pautamo-nos nos estudos de Bittencourt (2003), que fala sobre o ensino de meio ambiente; Silva e Fonseca (2010) e Bittencourt (2008), que abordam sobre o ensino de História e o livro didático; Carvalho (2005), Tardif (2005) e Freire (1996), que discutem sobre prática pedagógica; Moreira e Candau (2007), que tratam sobre o processo de contextualização e descontextualização dos conteúdos, dentre outros, que nos ajudaram na fundamentação teórica do nosso trabalho.

Como abordagem metodológica, foi realizada uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso articulada com uma pesquisa bibliográfica e documental. Para Chizzotti (1995), a abordagem qualitativa:

parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o subjetivo, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado (CHIZZOTTI, 1995.p.79).

Assim como define o autor, esta pesquisa busca coletar dados sobre o modo de ensino de História da professora do 4º ano e analisamos, fazendo um confronto entre a teoria em estudo com os dados obtidos na pesquisa. Nesse sentido, optamos pela pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, que é caracterizado de acordo com Chizzotti (1995) como:

O estudo de caso é uma caracterização abrangente para designar uma diversidade de pesquisas que coletam e registram dados de um caso particular ou de vários casos a fim de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência, avaliá-la analiticamente, objetivando tomar decisões a seu respeito ou propor uma ação transformadora (CHIZZOTTI, 1995, p.102).

Sobre a pesquisa bibliográfica, Severino (2007) define como “aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos como livros, artigos, teses etc.” E sobre pesquisa documental, o mesmo autor define :

tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas, sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais (SEVERINO, 2007, p.122).

A pesquisa, também, se caracteriza como pesquisa bibliográfica e documental, pois foram realizadas pesquisas anteriores em artigos, livros, monografias, assim como em documentos, a exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional- LDB (1996), bem como pesquisa de campo.

Para coleta dos dados, foi utilizada a técnica do questionário, aplicado com a professora (M. P. M) e alunos do 4º ano do ensino fundamental da Escola Escritor Alceu Amoroso Lima, localizada nas Malvinas no município de Campina Grande. Sobre a técnica do questionário, Severino (2007) ressalta que:

Conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo (SEVERINO, 2007, p.125).

Para a sua realização, inicialmente, fomos à escola e realizamos a coleta de dados através da aplicação de questionários com a professora do 4º ano e os alunos, tomamos como objeto de análise o livro didático de História. Em seguida, analisamos o livro didático, os questionários e documentos, como: Parâmetros Curriculares Nacionais e Lei de Diretrizes e Base da educação Nacional, e então partimos para a elaboração do trabalho. Durante a elaboração do trabalho, sentimos dificuldades de encontrar fundamentação teórica sobre a importância do livro didático assim como estudos sobre as possibilidades de ensino de meio ambiente por mão das aulas de história.

Este texto está organizado com a introdução, três capítulos e as considerações finais. O primeiro capítulo *Educação e meio ambiente: a prática pedagógica da professora e a sustentabilidade*, são abordados os avanços e os desafios da educação básica brasileira, a prática pedagógica e a profissão docente como desafiadoras e em um segundo momento é feito um resgate da educação ambiental no Brasil e as práticas de sustentabilidade que devem ser adotadas.

No segundo capítulo, *O livro didático de história nos anos iniciais: abordagens sobre meio ambiente e a prática pedagógica docente*, refere-se às perspectivas e desafios do ensino de História nos anos iniciais; o livro didático como material fundamental na ação docente e as possibilidades de ensino de meio ambiente a partir das aulas de História e, sobretudo, do livro didático.

No terceiro capítulo: *o meio ambiente e a sustentabilidade nos anos iniciais: a prática pedagógica docente, a visão do aluno e o livro didático*, falamos sobre a caracterização da área estudada, analisamos as possibilidades de ensino sobre meio ambiente a partir do livro didático de História do 4º ano do Ensino Fundamental das

autoras Alves, Oliveira e Borella (2008) e também analisamos as percepções da professora e dos alunos do 4º ano sobre meio ambiente e a sustentabilidade.

Por fim, nas considerações finais, apontamos a que resultados chegamos e falamos que, de acordo com o que evidenciamos ao longo de nossa pesquisa, o ensino sobre meio ambiente a partir das aulas de História se constitui como uma possibilidade de trabalho interdisciplinar, uma vez que através da História é possível articular com o ensino assuntos sobre meio ambiente.



1. EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE: A PRÁTICA PEDAGÓGICA DA PROFESSORA E A SUSTENTABILIDADE

1.3 A educação básica e a prática docente nos anos iniciais: Perspectivas e desafios

A educação básica brasileira, assegurada pela Constituição Federal de 1988 como um direito de todos e dever do Estado e da família, vem obtendo avanços positivos, uma vez que, após esta constituição, outras leis e documentos oficiais, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/1996 (LDB) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), trouxeram mais fundamentos e consistência para refletir sobre as questões relativas à educação nacional.

Na LDB, a educação básica corresponde ao nível da educação nacional que contempla a educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. E sua finalidade segundo o art. 22 dessa mesma lei é:

desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores (Brasil, 1996, p17).

Neste documento, são garantidos o direito à educação infantil, o ingresso das crianças de seis anos na escola obrigatória e o ensino fundamental dos nove anos. Contudo, o que propugna a LDB ainda está longe de atingir as metas esperadas, pois como constata Campos (2009):

A escola de Ensino Fundamental não só costuma tratar todos os novos alunos da mesma forma – tenham eles ou não já sido alunos nos anos anteriores – como também parece que faz questão de reforçar as rupturas entre as duas etapas iniciais da educação básica: sinaliza-se claramente que acabou o direito à brincadeira, que a obrigação leva a melhor sobre a motivação, que a aprendizagem é imposta e não construída, que todos devem seguir no mesmo ritmo, independentemente de suas diferenças individuais, culturais ou de nível de conhecimento. (CAMPOS, 2009, p.12)

Ainda de acordo com Campos (2008), o ingresso das crianças no ensino fundamental ocorre de forma brusca, uma vez que se desconsideram tudo o que a criança já aprendeu nos anos anteriores, durante a educação infantil, além de haver uma grande ruptura entre estas duas modalidades, mudando a rotina adotada pelos anos iniciais, retirando as brincadeiras e atribuindo conteúdos e ritmos acelerados à aprendizagem, desrespeitando as diferenças individuais dos alunos. Dessa forma, há uma fragmentação da educação básica, pois a educação infantil passa a ser tratada por

alguns educadores como algo à parte quando, na realidade, ela é parte integrante da educação básica:

a educação infantil é a base da educação básica, o ensino fundamental é o seu tronco e o ensino médio é seu acabamento, e é de uma visão do todo como base que se pode ter uma visão consequente das partes (CURY,2002,p.170).

Desta forma, para haver uma educação básica de qualidade é necessário que as partes deem certo, começando pela educação infantil, prosseguindo com o ensino fundamental e o ensino médio. É preciso que cada uma dessas etapas seja respeitada e tratada como indispensável para obtermos melhores resultados na educação brasileira.

Tendo em vista essas questões, torna-se importante pensar a educação básica na perspectiva da prática docente, pois a ação pedagógica do professor é fundamental na aprendizagem de alunos/as implicando nos processos formativos dos sujeitos educativos. A nosso ver, a prática pedagógica é uma das principais responsáveis pelo sucesso ou fracasso da educação. Ela corresponde à ação do/a professor/a e diz respeito às formas que ele utiliza para exercer sua profissão. Carvalho (2005), entende a prática pedagógica como:

[...] o trabalho realizado pelo educador seja em sala de aula, seja desenvolvendo ações que ajudem os professores a pensar por si mesmos sobre o que fazem na escola em prol da melhoria das condições de vida das crianças em idade escolar ou de outros indivíduos em desenvolvimento profissional. A continuidade dessa forma de trabalhar tendo como ponto de partida e chegada a ação-reflexão-ação, ajuda-os a testar hipóteses e até a construir teorias a partir e por meio da própria prática docente (CARVALHO, 2005, p. 70).

O trabalho do/a professor/a defendido por Carvalho (2005) corresponde não só às ações em sala de aula, mas também às ações que possibilitem ao professor refletir sobre sua própria prática e, assim, o docente possa construir o conhecimento científico do aluno. Nesse sentido, tal concepção de prática pedagógica exige, por sua vez, um novo perfil de professor, isto é, um professor reflexivo:

A noção de professor reflexivo baseia-se na consciência da capacidade de pensamento e reflexão que caracteriza o ser humano como criativo e não como mero reprodutor de ideias e práticas que lhe são exteriores. É central, nesta conceptualização, a noção do profissional como uma pessoa que, nas situações profissionais, tantas vezes incertas e imprevistas, atua de forma inteligente e flexível, situada e reativa. (ALARCÃO, 2003,p.41)

A partir das observações de Alarcão (2003), podemos perceber os problemas e dificuldades encontrados no cotidiano da prática docente, os quais exigem que o/a professor/a como seres humanos e criativos, utilize a capacidade criativa para se sobressair das situações-problemas que permeiam o fazer pedagógico. A título de exemplificação, citemos uma situação muito corriqueira como esta: o caso de o aluno que deixa de levar o livro didático com o objetivo de não fazer a tarefa. Diante dessa situação-problema, o professor pode solicitar que o aluno faça outra atividade em sala, substituindo aquela que seria realizada a partir do livro. Carvalho (2005), ao abordar estas questões, mostra que:

Os incidentes da prática são momentos ricos de possibilidades para o aprendizado do professor e de como ele se faz professor. Sem eles não existem situações problemáticas, sem eles não há reflexão (CARVALHO, 2005 p.74).

Dentro dessa óptica, são considerados construtivos os problemas enfrentados em sala de aula quando o/a professor/a reflete sobre eles e os transforma em experiência, pois, como ensina Freire (1996, p.43-44) “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Ao pensar sobre este aspecto, SCHON (2000, p.34 *apud* PINTO, 2010, p.114) afirma que “[...] o que distingue a reflexão-na-ação de outras formas de reflexão é a sua imediata significação para a ação”. Quando ambas, a reflexão e a ação, são utilizadas concomitantemente, possibilitam uma reação imediata e, por conseguinte, a reflexão na prática pedagógica contribui com uma prática que busque o real sentido da educação, a aprendizagem dos alunos, mesmo que isso signifique ao/a professor/a superar os desafios da educação. Conforme Tardif (2005):

A docência é um trabalho cujo objeto não é constituído de matéria inerte ou de símbolos. Mas de relações humanas com pessoas capazes de iniciativas e dotadas de certa capacidade de resistir ou de participar da ação dos professores (TARDIF, 2005, p.35).

Assim o ato de ensinar, diferente de outras profissões, tem como objeto seres humanos individuais, vindos de contextos sociais diferentes, com capacidades cognitivas específicas. Estas características distintas dos alunos dificultam a ação do/a professor/a, uma vez que o aprendizado necessita da participação dos alunos e “ninguém pode forçar alguém a aprender” (TARDIF, 2005).

Contudo, GAUTHIER (1993 *apud* TARDIF, 2005, p.67) mostra que “a ação pedagógica não pode nunca se limitar à coerção e ao controle autoritário, porque ela

exige, para ter êxito, uma certa participação dos alunos e, de algum modo, seu “consentimento”.

Deste modo, uma atuação pedagógica depende da interação dos docentes com os alunos e fica sob a responsabilidade do/a professor/a traçar estratégias de motivação para incentivar os alunos a se interessarem a aprender, pois alguns deles vão à escola porque são obrigados pelos pais para obterem um futuro promissor, visto que os pais temem responder na justiça por não matricularem seus filhos ou receiam a perda do recebimento da bolsa família, que tem como um dos pré-requisitos, a frequência escolar. Enfim, tudo isso caracteriza uma das tarefas mais difíceis do/a professor/a: transformar essa obrigação dos discentes em interesse para aprender.

Outra dificuldade encontrada na prática docente é a precariedade das condições de trabalho como: a falta de recursos e de tempo, escassez de instrumentos pedagógicos, o que constitui obstáculos a serem “superados” por professores da educação básica:

Isto significa que o professor diferentemente de um artista ou de um artesão, por exemplo, não pára de trabalhar quando sua obra está pronta, ou quando termina uma atividade naturalmente (como para o jardineiro, o médico) ou, ainda, como resultado lógico de sua ação; para terminar, o trabalho do professor depende de outras exigências: burocráticas, sindicais, profissionais, etc (TARDIF, 2005, p.76).

Todas essas exigências da profissão demandam tempo e dedicação exclusiva desde estudar, planejar, colocar em prática o que foi planejado, avaliar e refletir sobre a sua atuação, além do registro de atividades (cadernetas) e do cumprimento de outras burocracias que são exigidas na docência.

Um fator observado nesta profissão é a existência de muitos professores/as que assumem mais de um emprego para garantir um salário decente, o que traz implicações sérias na qualidade da educação ofertada. Como a docência demanda tempo para estudar, planejar e, até mesmo, para se aperfeiçoar, percebemos, portanto, que o/a professor/a não tem condições de se dedicar exclusivamente a uma determinada instituição escolar deixando falhas em seu papel de educador.

Deste modo, diante, muitas vezes, da precariedade das condições de trabalho e mesmo de recursos, ao educador não sobra tempo para planejar as aulas adequadamente de modo que as tornem dinâmicas, como também ele não dispõe de tempo para acompanhar o desenvolvimento de cada aluno, inviabilizando o processo ensino-aprendizagem.

Ressaltamos que, com todas as atribuições da profissão e, ainda, tendo que muitas vezes assumir dois empregos, consequência do baixo salário que tal profissão recebe, boa parte dos professores/as não tem disponibilidade de tempo nem se sentem motivados/as para fazer cursos complementares de formação continuada que venham a contribuir com sua prática pedagógica, já que a formação continuada é imprescindível ao magistério:

A formação continuada é uma exigência para toda atuação do homem, uma vez que a realidade se transforma constantemente. Essa afirmação é tão ou mais verdadeira ainda em se tratando do trabalho educativo, especificamente escolar. Isso porque o professor atua num contexto que envolve muitos sujeitos, muitas motivações, o que desencadeia situações singulares, às vezes desconhecidas e imprevisíveis. (GUIMARÃES, 2005 p.35).

Assim, faz-se necessário que o educador, como mediador do conhecimento, busque se aperfeiçoar e conhecer essa realidade que está em constante transformação, uma vez que a profissão docente exige atuação, renovação e constante aprendizagem. A formação continuada tem como objetivo propiciar ao educador o conhecimento para que este possa atuar de forma que assegure uma aprendizagem de qualidade aos alunos, uma vez que, de acordo com Tardif (2000), “os saberes profissionais dos professores são temporais, ou seja, são adquiridos através do tempo”.

A sociedade muda a cada dia assim como os conhecimentos científicos que giram em torno do social. Por essa razão, percebemos que é imprescindível a formação continuada dos educadores como profissionais devem, assim, autoformar-se e reciclar-se através de diferentes meios, após seus estudos universitários iniciais (TARDIF, 2000, p.7)

Em síntese, na prática docente, existe um leque de dificuldades enfrentadas pelos professores tanto nos problemas em sala de aula com alunos que não contribuem com a sua prática, quanto com falta de recursos materiais, além da estafante jornada de trabalho. Esses problemas inviabilizam uma ação docente de qualidade, pois os/as professores/as sentem-se desmotivados a buscarem se aperfeiçoar e ainda não dispõem de tempo para tal propósito.

Discutir sobre os obstáculos da prática docente principalmente dos/as professores/as dos anos iniciais e os avanços vividos na educação brasileira se faz importante porque nos possibilita refletir sobre a realidade vivida por esta profissão marcada por muitas atribuições. Atrelada a essa discussão, procuraremos refletir sobre outro aspecto importante que precisa estar inserido na educação básica desde a educação

infantil até o ensino médio: a questão ambiental, tópico do próximo item do presente trabalho.

1.2 O contexto educacional brasileiro e a questão ambiental: pensando a sustentabilidade na educação escolar nos anos iniciais

O meio ambiente vem sofrendo a cada dia e com mais intensidade com a ação do ser humano sobre a natureza, pois o aumento da população exige um consumo maior dos bens naturais produzidos pela natureza e este consumo resulta da exploração exagerada destes recursos.

A exploração dos potenciais naturais advém da extinção de algumas espécies vegetais e animais, esgotamento de fontes de energias e poluição da atmosfera, é resultante da ação humana que tem gerado a degradação do meio ambiente e, conseqüentemente, uma crise ambiental, pois segundo Martinez (2006, p.53): “É uma crise derivada da insustentabilidade dos padrões de produção e de consumo criados pela sociedade industrial e que não parou de expandir-se desde a segunda metade do século XVIII até os dias de hoje”.

As discussões sobre a crise ambiental são um fenômeno recente que ganhou dimensões mundiais na década de 60. Este problema é decorrente da utilização irresponsável e desordenada dos recursos naturais ao longo dos anos explorados por parcelas da população em diversas regiões do mundo.

O abuso no uso destas potencialidades naturais, como água, fauna e flora foram mais visíveis nas sociedades industriais que os utilizam em alta quantidade. Como essa atividade vem crescendo de maneira vertiginosa na sociedade, necessitamos buscar formas de manter esse modelo, mas de forma sustentável sem danificar tanto o meio ambiente.

O meio ambiente é um bem de todos e, através dele, as nações exercem maior interferência sobre outras, pois quando se esgota o que a natureza oferece em um determinado local, isto afeta toda a cadeia natural do mundo, por isso a questão ambiental torna-se de interesse mundial.

Nesta perspectiva, as questões ambientais enfrentadas mundialmente são do interesse de todas as nações. Diante desse quadro, iniciaram-se reuniões em nível internacional sobre esse tema, a fim de buscar soluções para as questões ambientais e de desenvolvimento sustentável.

A primeira Conferência que abordou de forma global as questões ambientais que o mundo vinha enfrentando foi a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente Humano. Realizada no ano de 1972 em Estocolmo, essa conferência ficou conhecida como Conferência de Estocolmo (PASSOS, 2009). Nela, foram discutidos problemas ambientais como catástrofes, a incidência de chuva ácida, a acumulação de metais pesados na atmosfera, bem como o crescimento econômico acelerado e suas futuras consequências sobre a natureza. De acordo com Passos (2009):

a Conferência de Estocolmo originou uma nova dinâmica por meio do desenvolvimento de 'atitudes novas', ou seja, o reconhecimento pelos Estados da existência daqueles problemas e da necessidade de agir, sem contar que desempenhou um papel decisivo na sensibilização dos países em desenvolvimento para suas responsabilidades na questão.(PASSOS,2009,p.8)

Essa conferência foi um grande passo para as discussões em torno das questões ambientais. Nela também foi discutida a importância do papel da educação para ajudar nas questões ambientais que resultou no “Programa Internacional de Educação Ambiental”.

Após a referida conferência foi realizada em 1977 na Geórgia a Conferência Intergovernamental de Educação Ambiental de Tbilisi, na qual foram discutidos os objetivos da Educação Ambiental (EA) ¹ (Parâmetros Curriculares Nacionais, 2001). Foram definidos que a EA enfocaria os problemas ambientais de forma interdisciplinar, ou seja, ela deveria ser trabalhada nas várias disciplinas e seria de responsabilidade de cada indivíduo e da coletividade escolar. Em 1987 aconteceu em Moscou a Conferência Internacional sobre Educação e Formação Ambiental com o objetivo de avaliar a EA que foi implantada desde a conferência de Tbilisi, e formular um Plano de ação para a década de 90:

O Congresso de Moscou chegou à conclusão de que a EA deveria preocupar-se com a promoção de conscientização e transmissão de informações, desenvolvimento de critérios e padrões, orientações para a resolução de problemas e tomada de decisões. Portanto, objetivar modificações comportamentais de ordem cognitiva e afetiva. (BEZERRA, p.2.)

Neste sentido, a EA deve desenvolver a consciência crítica nos alunos frente à crise ambiental. A consciência ambiental deve levar-nos a refletir acerca da relação que o ser humano vem mantendo com a natureza. Para que a questão ambiental que é de responsabilidade de toda sociedade não fique apenas nas discussões, mas que chame a

¹ EA- sempre que for citada esta sigla estará se referindo a Educação Ambiental.

atenção para a realidade que está ao nosso redor, a escola deve buscar mobilizar os educandos para a prática e ações concretas, começando por pequenas ações dentro da escola, como separar o lixo produzido e/ou descartado por si, contribuir com a organização e limpeza dos espaços escolares. Aos poucos estas ações vão sendo ampliadas para o contexto fora da escola.

Em 1992, foi realizada no Rio de Janeiro a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, conhecida como Rio/92. Nessa conferência, foram aprovados documentos importantes para a promoção de ações em prol da preservação do meio ambiente. Dentre os quais, está a “Agenda 21”, que é um plano de ação a ser adotado pelos países em geral que, de alguma, forma impactam o meio ambiente. De acordo com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD (2007):

a Agenda 21 é um processo de planejamento participativo que resulta na análise de situação atual de um país, estado, município, região, setor e planeja o futuro de forma sócio ambientalmente sustentável. (CADERNOS SECAD, 2007.p.12).

Em todas essas conferências, existe um ponto a que todas se referem: a Educação Ambiental é o meio pelo qual podemos mudar a mentalidade e o comportamento das pessoas em vista dos problemas ambientais que o mundo vem enfrentando. Através da EA, podemos conscientizar os educandos sobre a necessidade de adquirir novas posturas de cuidados com o meio ambiente e suas questões ambientais.

De acordo com o que foi enfocada na Conferência de Tbilisi no que tange aos princípios básicos da EA, esta deve ter um caráter interdisciplinar. Não é necessário, pois, o surgimento de outra disciplina, visto que a questão ambiental pode ser trabalhada nas disciplinas já existentes, de maneira transversal, entre os conteúdos, não sendo de responsabilidade de uma apenas, mas de todas as áreas de ensino. Então os/as professores/as de cada disciplina podem contemplar aos conteúdos de sua área o tema meio ambiente (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 2001).

O enfoque interdisciplinar da EA também é apresentado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), Currículo prescrito que estabelece os conteúdos, os procedimentos e valores que devem conter o processo de ensino-aprendizagem, mais especificamente na parte que trata dos temas transversais, através de discussões sobre o meio ambiente. Nele, há propostas em que os conteúdos sobre meio ambiente sejam integrados ao currículo através da transversalidade de modo que se compreendam as

diversas áreas do conhecimento e possibilite ao aluno uma visão ampla e global da questão ambiental.

Nesse sentido, a Educação Ambiental abrange os problemas enfrentados pelo meio e reflete sobre o processo que resultou na ocorrência desses problemas. Ou seja, é preciso fazer a inter-relação do problema ambiental com a ação social, mostrando que estes problemas enfrentados pelo meio ambiente é uma consequência da ação humana e que, por isso, se faz necessário pensar em práticas de desenvolvimento sustentáveis que possam ser empreendidas na escola.

O trabalho com o Meio Ambiente na escola, tem como função primordial e de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001):

contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos para decidirem e atuarem na realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem estar de cada um e da sociedade, local e global (BRASIL, 2001, p.29).

Ao trabalhar com esse tema, a escola precisa focar o desenvolvimento de valores e atitudes e não apenas ficar na simples transmissão de informações, pois são as ações que vão demonstrar o que realmente os alunos aprenderam.

O tema do meio ambiente requer do professor e não só dele, mas de todos que fazem parte da escola, a busca pela aquisição de conhecimento sobre esse estudo, pois este é amplo e novo. Para que a escola tenha um bom desempenho na EA, necessita do envolvimento de todos na busca constante de informações sobre a questão ambiental e educar os alunos na construção do conhecimento relativo a essa questão.

Para se trabalhar com a temática do meio ambiente, o/a professor/a pode partir da realidade na qual os alunos estão inseridos, orientá-los a refletirem sobre sua realidade e entenderem que eles serão os responsáveis pela preservação e pelo cuidado com o meio ambiente que os cerca. Isso se confirma nos PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (2001), quando este afirma que:

O trabalho com a realidade local possui a qualidade de oferecer um universo acessível e conhecido e, por isso, passível de ser campo de aplicação do conhecimento. Grande parte dos assuntos mais significativos para os alunos estão circunscritos à realidade mais próxima, ou seja, a sua comunidade, sua região. (BRASIL, 2001. p.48).

Neste sentido, o conteúdo ministrado pelo/a professor/a ao partir da realidade vivida pelo aluno faz com que esse se sinta interessado em estudar, pois percebe sentido no aprendizado. No que se refere ao meio ambiente, voltar-se para a realidade local é

imprescindível, visto que o aluno precisa “ver” e “sentir” o que as ações humanas podem ocasionar ao mundo. Segundo Bittencourt (2003), o professor/a pode partir de:

uma prática interdisciplinar, tendo como uma das suas preocupações básicas contextualizar os problemas ambientais próximos do vivido dos alunos, situando-os em espaços e tempos mais amplos, pode esclarecer a importância de se estabelecer relações entre o mais próximo e local com o mais distante e o geral (BITTENCOURT, 2003 p.54).

Então, o objetivo da escola frente à necessidade de fazer do ambiente escolar um espaço de reflexão e ações ambientais é partir da realidade local dos educandos para ampliar as discussões no contexto escolar, ou seja, expandir as discussões sobre as questões ambientais também em escala global não limitando a capacidade de aprendizagem dos alunos.

É importante ressaltarmos que por muito tempo não houve uma aproximação entre História e meio ambiente. Contudo, essa realidade vem mudando desde os fins da segunda guerra mundial. A “crise da modernidade” e o advento dos movimentos de ambientalistas, entre os anos 60 e 70 do século XX, começaram a despertar o interesse de historiadores e demais cientistas pela temática ambiental. O estudo histórico sobre o Meio Ambiente, segundo Bittencourt (2003), possibilita:

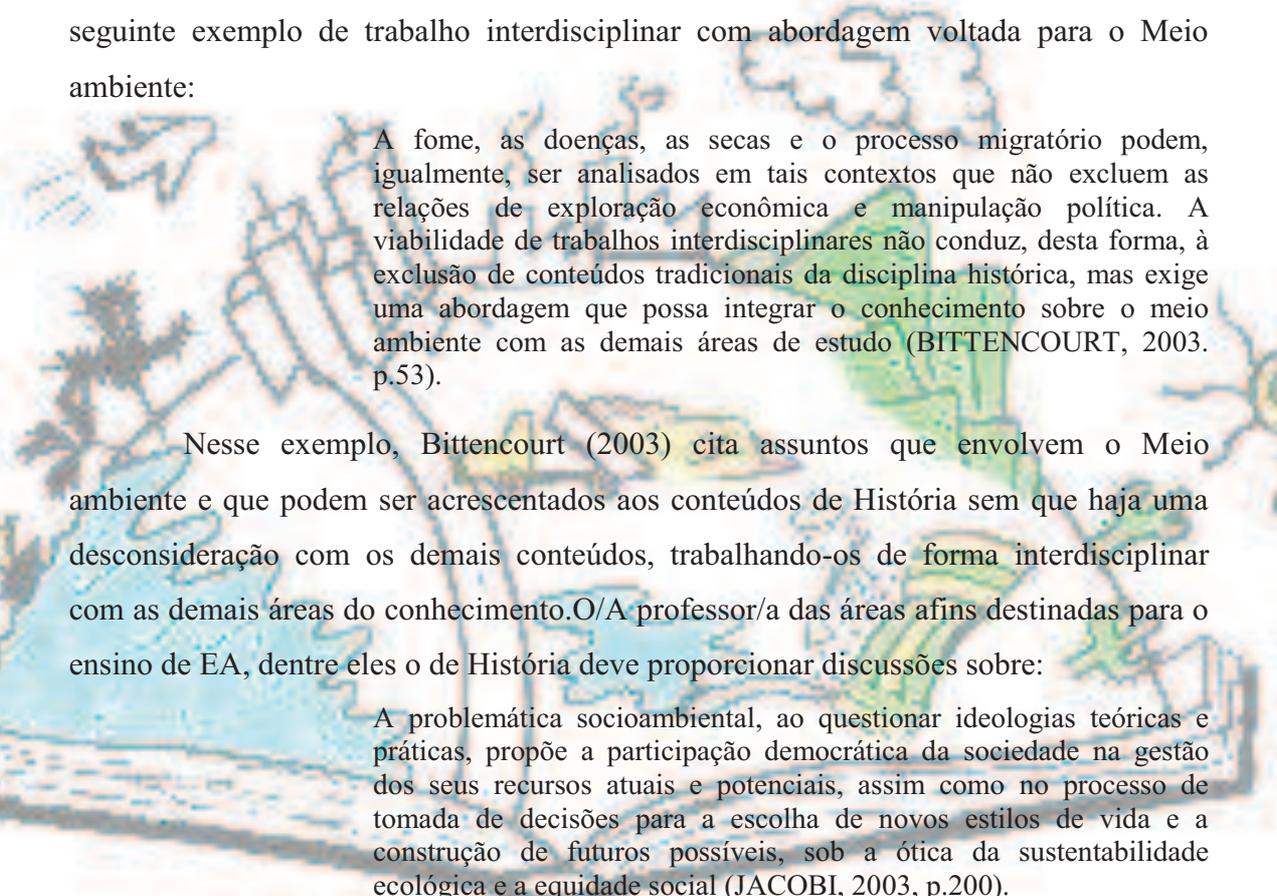
As formas do homem viver e conceber a natureza têm sido diversas, variando no tempo e no espaço e cabe aos estudos históricos situar tais diferenciações, evitando equívocos de passados idílicos, de existência de momentos de total harmonia e integração entre o homem e o mundo natural. A manipulação da natureza pelo homem tem uma longa história, com variações em intensidade e brutalidade. (BITTENCOURT, 2003 p.42)

Cabe à História ressignificar estas discussões sobre a trajetória de exploração ambiental que a natureza vem enfrentando no decorrer dos contextos históricos em tempos e espaços diferentes e que tem gerado a “crise da modernidade”, mostrando os vários séculos de exploração e evidenciando que a lógica capitalista é uma das grandes responsáveis pela devastação da natureza.

Desde a década de 80, a proposta de introduzir estudos sobre meio ambiente nas aulas de História vem sendo reivindicada. Um de seus defensores é o estudioso Artur Soffiate, que propunha que nos livros didáticos de História viesse inclusa a temática do Meio ambiente (BITTENCOURT, 2003). Todavia, só na década de 90 é que tal proposta começou a ser posta em prática. O que se observou foi que muitos/as professores/as atribuíram a responsabilidade do ensino de meio ambiente às demais área

do conhecimento, tais como Geografia e Ciências, não havendo um diálogo interdisciplinar entre essas disciplinas, como é sugerido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

O trabalho interdisciplinar viabiliza o processo de ensino, garantindo uma aprendizagem consistente, pois o aluno, ao estudar o mesmo conteúdo em várias disciplinas, compreende a sua completude e sua abrangência e que o estudo deste é necessário para sua vida. Neste sentido, o ensino de Meio ambiente, através do diálogo nas aulas de História, Geografia e Ciências, que são as principais áreas do conhecimento defendidas pelo PCN de Meio ambiente para tal ensino. Bittencourt (2003) traz o seguinte exemplo de trabalho interdisciplinar com abordagem voltada para o Meio ambiente:



A fome, as doenças, as secas e o processo migratório podem, igualmente, ser analisados em tais contextos que não excluem as relações de exploração econômica e manipulação política. A viabilidade de trabalhos interdisciplinares não conduz, desta forma, à exclusão de conteúdos tradicionais da disciplina histórica, mas exige uma abordagem que possa integrar o conhecimento sobre o meio ambiente com as demais áreas de estudo (BITTENCOURT, 2003, p.53).

Nesse exemplo, Bittencourt (2003) cita assuntos que envolvem o Meio ambiente e que podem ser acrescentados aos conteúdos de História sem que haja uma desconsideração com os demais conteúdos, trabalhando-os de forma interdisciplinar com as demais áreas do conhecimento. O/A professor/a das áreas afins destinadas para o ensino de EA, dentre eles o de História deve proporcionar discussões sobre:

A problemática socioambiental, ao questionar ideologias teóricas e práticas, propõe a participação democrática da sociedade na gestão dos seus recursos atuais e potenciais, assim como no processo de tomada de decisões para a escolha de novos estilos de vida e a construção de futuros possíveis, sob a ótica da sustentabilidade ecológica e a equidade social (JACOBI, 2003, p.200).

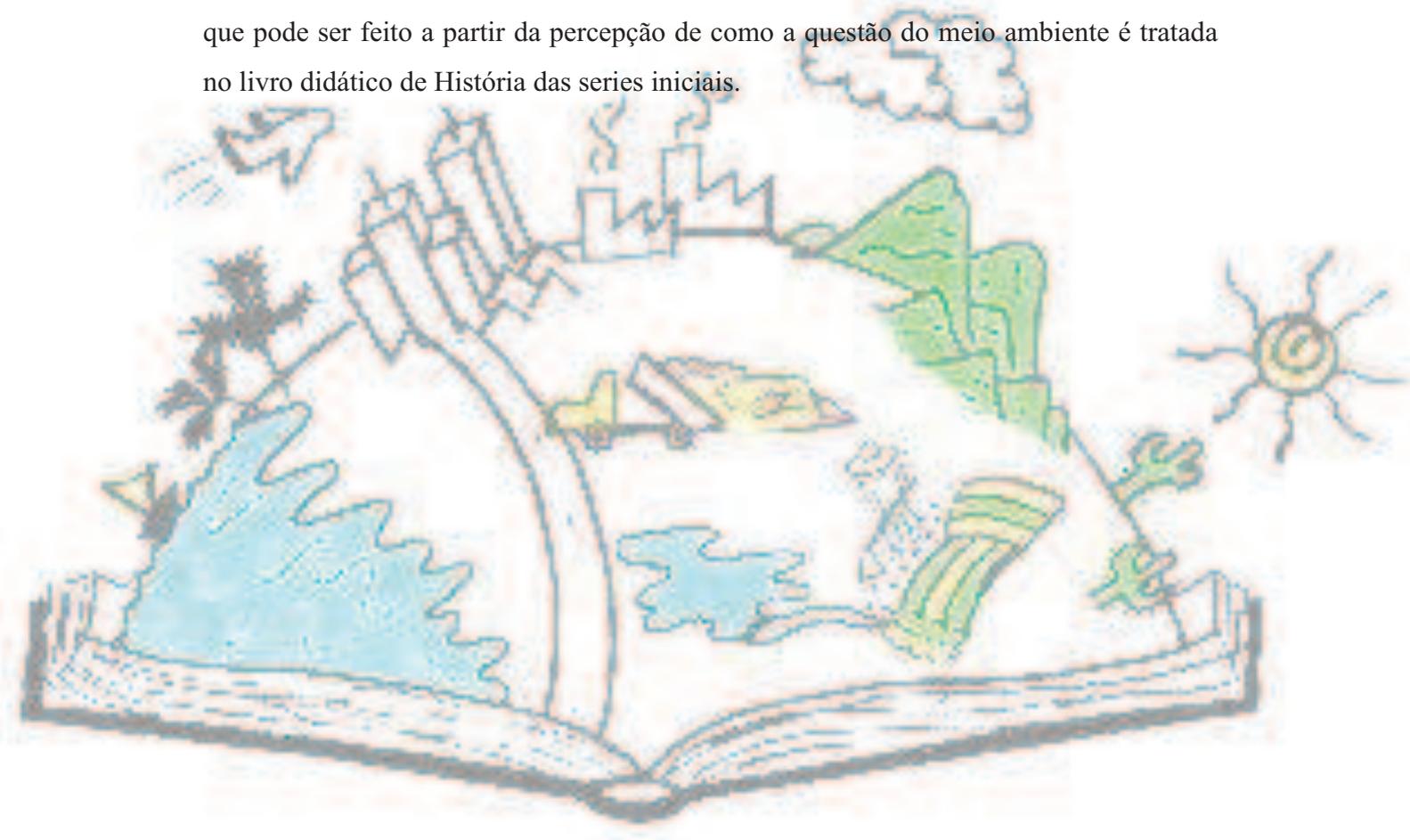
Esses pontos debatidos em sala de aula devem sempre levar o aluno a questionar as práticas ambientais presentes na sociedade e buscar incitá-los à mudança de postura perante a relação que estabelecem com natureza em busca de um desenvolvimento sustentável.

A denominação adotada pelo PCN de Meio Ambiente sobre “desenvolvimento sustentável” está de acordo com as propostas apresentadas pelo Programa das Nações Unidas para o Meio ambiente, que entende tal termo como: “melhorar a qualidade de vida da vida humana dentro dos limites da capacidade de suporte dos ecossistemas”

(BRASIL, 2001, p.38). Isso significa que tal prática requer o uso dos recursos naturais de forma sustentável, possibilitando à natureza a capacidade de renovação.

De acordo com o que foi esclarecido acima, entendemos que os/as professores/as responsáveis pelo ensino de EA devem ter o conhecimento do que se entende por desenvolvimento sustentável, uma vez que essa prática é a única forma de promover o crescimento econômico sem “agredir tanto” o meio ambiente.

Abordar a questão ambiental na prática docente e discutir sobre desenvolvimento sustentável nos anos iniciais a partir das aulas de História é fundamental para a formação de uma consciência crítica entre docentes e discentes. O que pode ser feito a partir da percepção de como a questão do meio ambiente é tratada no livro didático de História das series iniciais.



2. O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS: ABORDAGENS SOBRE MEIO AMBIENTE E A PRÁTICA DOCENTE

2.1 O ensino de história: Perspectivas e desafios para pensar os anos iniciais

Em meados dos anos de 1980, o Brasil passou por grandes transformações, sobretudo na educação. Foi um período marcado por transformações culturais que alavancaram a reestruturação social e histórica do país. Com o fim da censura política vivida durante a ditadura militar, historiadores começam a repensar a finalidade do ensino de História e, sobretudo:

Com a redemocratização em 1985, inaugurava-se o “tempo do repensar”. A disciplina História deixava de ajustar-se aos interesses do Estado autoritário para ser prostrada ao serviço da sociedade democrática (MATHIAS, 2011, p.45).

Como salienta Sanches apud FONSECA (2003, p.36), o fim das últimas décadas do século XX constituiu “um rico movimento de debates, elaboração e implementação de propostas curriculares, de novos materiais didáticos e de repensar das práticas educativas no Brasil”. Foi um momento de grande debate que gerou reformulações curriculares na área de História, bem como no aumento na produção de livros da respectiva disciplina.

Na década de 90 do século passado, temas como: cotidiano, família, lazer, gênero, infância, memória, imaginário, cultura material, dentre outros, passaram a integrar o currículo da disciplina de História (Mathias, 2011). Tendo como discussão temas como estes, infere-se que o ensino dessa disciplina passou a ser pautado no questionamento histórico dos acontecimentos possibilitando a formação de sujeitos críticos e participantes na construção da própria História. Então com o objetivo de formar sujeitos críticos, a História passou a ser vista como um “processo na qual a verdade não é mais absoluta e sim provisória” (MORAIS, 2007, 38).

A pesquisa e a disseminação do ensino de História ganharam destaque no meio da pesquisa científica que vem reiterar que ensinar História não seria só repassar conhecimentos produzidos, mas sim contribuir com essa produção no espaço escolar, como reiteram SILVA e FONSECA (2010):

Registram-se, na década de 1990, as edições dos Eventos Nacionais na área do Ensino de História: o “Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História”, promovido pela primeira vez na Universidade de São Paulo em 1988, e o “Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História”, em 1993, na Universidade Federal de Uberlândia (SILVA e FONSECA, 2010, p.14).

Esses eventos foram importantes, pois neles os/as professores/as debatiam suas práticas de ensino e suas experiências na disciplina em epígrafe, além de se constituir num espaço de formação complementar.

É importante registrar que em vários contextos da história do Brasil, houve uma preocupação do Estado com a criação de currículos e programas de História para sistematização da disciplina com fins característicos como o próprio nome sugere, isto é, a história tal como ocorreu. Mas, vale ressaltar que:

Um currículo de História é, sempre, produto de escolhas, visões, interpretações, concepções de alguém ou de algum grupo que, em determinados espaços e tempos, detém o poder de dizer e fazer. Os currículos de História – sejam aqueles produtos das políticas públicas ou da indústria editorial, sejam os currículos construídos pelos professores na experiência cotidiana da sala de aula – expressam visões e escolhas, revelam tensões, conflitos, acordos, consensos, aproximações e distanciamentos. (SILVA e FONSECA, 2010, p.16-17).

Neste sentido, o ensino de História possivelmente não será ministrado tal como se pensa que a história como ocorreu haja vista que o currículo sempre é construído em meio a relações de poder e isso inviabiliza a sua legitimidade.

Em vista dos debates do que ensinar e como ensinar em História e nas demais disciplinas, o governo federal criou a Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº9394 de1996, com o objetivo de estabelecer as normas que conduziriam a educação “no contexto político de globalização da economia, de desenvolvimento de novas tecnologias e de consolidação da democracia no Brasil” (SILVA e FONSECA, 2010, p.17).

Esta nova lei garantiu um avanço nas series iniciais, pois a partir dela foram desenvolvidos programas de formação dos professores/as, pelos governos federal, estaduais e municipais a fim de aperfeiçoar os professores das séries iniciais do ensino básico e do fundamental (SILVA e FONSECA, 2010).

O governo federal elaborou, em 1997, os Parâmetros Curriculares Nacionais, com o objetivo de estabelecer um currículo oficial que abrangesse todo o país. Nessa proposta, são sugeridos os objetivos e conteúdos para as disciplinas escolares. De acordo com Silva e Fonseca (2010), estabelece-se, a partir daí, a separação total entre a disciplina de Geografia e de História, uma vez que foi criado, para cada área de ensino,

um volume com os conteúdos, objetivos e procedimentos, eliminando de vez a antiga disciplina “Estudos Sociais”.

Vale salientar que esse documento garantiu que a educação tivesse uma base comum e ainda como afirma SILVA e FONSECA (2010):

Com relação às intencionalidades educativas, ao papel e a importância da disciplina, o Documento, em consonância com o movimento acadêmico e político, reforçou o caráter formativo da História na constituição da identidade, da cidadania, do (re) conhecimento do outro, do respeito à pluralidade cultural e da defesa do fortalecimento da democracia (SILVA e FONSECA, 2010, p.18).

A proposta de trabalho apresentada no PCN de História é o estudo da história local, regional, do Brasil e mundial, de forma global, que possibilite a construção da identidade do educando e a valorização da diversidade cultural existente em nosso país. Nestes documentos, são exemplos de eixos temáticos abordados no PCN de História: história local e do cotidiano e história das organizações populacionais. Nesses eixos temáticos são extraídos subtemas que abarcam os conteúdos a serem trabalhados de acordo com o eixo central.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, além dos volumes destinados às áreas do conhecimento, também possuem outros volumes com os temas transversais, nos quais são incluídos: Meio Ambiente, Saúde, Pluralidade Cultural, Orientação Sexual, Ética. Estes temas “Tratam de processos que estão sendo intensamente vividos pela sociedade, pelas comunidades, pelas famílias, pelos alunos e educadores em seu cotidiano” (BRASIL, 1998, p.26).

Neste sentido, requer que sejam trabalhados na escola, pois são assuntos de âmbito social que demandam transformações e mudança de atitude. As diversas áreas do conhecimento devem abranger os temas transversais e dar uma continuidade ao estudo deles ao longo da escolaridade básica.

Deste modo, percebemos que a disciplina de História é uma das áreas do conhecimento em que se pode trabalhar se não todos os temas transversais, mas quase todos, uma vez que os conteúdos de que ela trata abrangem os processos sociais, históricos e culturais.

O PCN de História ressalta que o ensino dessa disciplina possui objetos específicos e que um dos mais importantes é a formação da noção de identidade, razão por que é preciso que “o ensino de história estabeleça relações entre identidades individuais, sociais e coletivas, entre as quais as que se constituem como nacionais”

(BRASIL, 2001, p.32). Nesse sentido, cabe ao professor/a trabalhar com a história local e a geral, ressaltando a ação do indivíduo na sua localidade e as relações entre sociedade nacional e o mundo.

Uma das contribuições significativas que o PCN de História trouxe para a prática docente foi às orientações para trabalhar com problematizações. Por isso, propõe que o/a professor/a crie situações de aprendizagem em que os alunos possam refletir criticamente sobre os conteúdos a serem ensinados.

Outro ponto sugerido é o trabalho com documentos, como: cartas, livros, relatórios, diários, pinturas, esculturas, fotografias e entre outros, pois são “fundamentais como fontes de informações a serem interpretadas, analisadas e comparadas” (BRASIL, 2001, p.79). Também é sugerido o trabalho com leitura e interpretação de fontes bibliográficas, em que cabe ao professor/a ensinar os alunos a fazerem uma leitura crítica, através de comparações, contextualizando o momento histórico.

Com base nessa nova prática de ensino sugerido no PCN, o professor não deve mais ensinar assim como era sugerida na disciplina de Estudos Sociais, em cujos conteúdos os integrantes da História eram tidos como heróis e a verdade trazida pelos livros era tida absoluta, mas sim problematizar os conteúdos de forma que possa contribuir para que os alunos tornem sujeitos críticos e cientes de sua participação na construção da História.

Então diante dessas novas formas e desafios de se pensar o ensino de História nos anos iniciais, faz-se necessário ver o livro didático como importante suporte do/a professor/a na prática docente. O livro didático é uma ferramenta fundamental na ação didática do/a professor/a dos anos iniciais. Ele viabiliza o processo de ensino-aprendizagem e garante ao professor uma segurança e um norte em relação aos conteúdos a serem ensinados.

Como lembram Xavier e Cunha, para a distribuição de livros didáticos para escolas públicas, o governo federal criou o Programa Nacional do Livro didático (PNLD), a partir do Decreto de Lei n 91.542, de 19/08/1985. O objetivo do programa era classificar quais obras deveriam estar nas escolas. De acordo com as regras do PNLD, os livros são modificados a cada três anos, e avaliados por professores de todo o país. Como os livros estarão nas escolas durante o período de três anos, é necessário que todos os livros apresentados pelas editoras e indicados pelo PNLD sejam analisados com cautela e atenção.

Como dissemos, o PNLD existe desde meados dos anos de 1985 e representa um avanço significativo no que diz respeito à confecção de livro didático voltado para o ensino público. De acordo com Bittencourt (1997) *apud* Espíndola, o livro didático no século XIX era destinado ao professor, que funcionava como mediador entre o conteúdo do livro e o aluno. Essa realidade veio a se transformar na década de 90 do século XX, quando o livro passou a ser destinado também aos alunos. Conseqüentemente, com a mudança de perfil do usuário, o livro ganhou características como: uma linguagem mais aperfeiçoada ao tipo de leitor e ilustrações.

É a partir do fim da década de 90 do século XX que o livro didático passa a ganhar mais qualidade, pois o governo federal passa a avaliar mais cuidadosamente a qualidade dos livros. Neste sentido, observa-se que as editoras começam a melhorar o padrão do material utilizado em sua confecção.

De acordo com Silva e Fonseca (2010), o livro didático de História, que até então era conhecido como Estudos Sociais, passou por avaliações nos anos de 93 e 94. Fez parte da comissão de avaliação a União Nacional de Dirigentes Municipais da Educação (Undime), o Conselho Nacional de Secretários da Educação (Consed), a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (Anped), a Secretaria de Educação Fundamental (SEF) e FAE/MEC, e foi declarado que os livros de Estudos Sociais eram fragmentados, com linguagem “pobre” e não estimulavam os alunos a refletirem sobre os assuntos e nem desenvolver a criticidade.

Verificou-se que os livros didáticos de Estudos Sociais para os anos iniciais do fundamental se resumiam ao ensino de história permeado pelos grandes acontecimentos históricos em que apareciam os heróis, como os salvadores do povo brasileiro. SILVA e FONSECA (2010) argumentam que:

As marcas da exclusão social, dos preconceitos e estereótipos, evidentes na chamada História tradicional escolar, eram implícitas e explícitas nos textos e imagens. Além disso, segundo o documento, os livros não contribuía para o desenvolvimento das linguagens oral e escrita nem para o processo de alfabetização (SILVA e FONSECA, 2010, p.26).

Então mediante as falhas e lacunas apontadas na avaliação do livro didático de História, o Programa Nacional do Livro Didático foi estendido e aprimorado de forma que a análise do livro didático passou a ser um processo permanente. Nesse sentido, os livros de História passaram por um critério de avaliação em que é analisada a

linguagem, se ele desenvolve as potencialidades leitoras e de compreensão e produção textual.

Mesmo com esses avanços na forma de avaliação do livro didático, esse material fundamental na vida do professor/a ainda está longe de atingir as diversas realidades brasileiras, por isso que concordamos com o que afirma TALAMINI (2009):

Os livros didáticos de História, como os de qualquer outra disciplina, não podem ser produzidos e pensados para uma realidade específica, sendo necessária ao professor uma adaptação deste para as situações particulares em que for atuar. As formas de se utilizar o livro didático de História são variadas e acredita-se, portanto, que seja de extrema importância o professor ter um conhecimento teórico metodológico, seja ele formado ou não na área, que permita a ele uma atitude crítica nos processos de escolha e de uso desse material. (TALAMINI, 2009, p.35).

Tendo em vista as proposições levantadas pelo autor, é a atitude do/a professor/a que faz a diferença na hora da prática, ou seja, ele não só precisa escolher o livro que mais se aproxime de sua realidade, mas procurar explorar o livro de forma que contribua para a formação de sujeitos críticos, que busquem incluir outras fontes de estudo ao conteúdo abordado, fazendo uma ponte entre o conteúdo do livro e as fontes complementares, isso dinamizará a aula e contribuirá para um aprendizado mais sistemático do conteúdo.

A forma de conduzir a aula de História através do uso do livro didático é de grande relevância para o bom desenvolvimento da aula precisamente em turmas dos anos iniciais cujo público é composto por alunos com uma grande energia, agitados e precisam de algo que os interesse para poder se concentrar, então a qualidade do livro didático escolhido pela escola e a forma como ele deverá ser utilizado são essenciais.

Uma forma de o professor/a fazer uso do livro didático de História com os alunos dos anos iniciais de forma que chame a atenção deles e os instigue a refletirem e discutirem sobre o assunto é através das imagens contidas no livro, pois nesses anos os alunos têm seus olhares direcionados para as imagens. E vale ressaltar que as imagens são um importante recurso de exploração de conteúdos, a partir delas é possível interpretar a História.

Com as imagens apresentadas nos livros didáticos de História dos anos iniciais, faz-se possível estabelecer uma ponte com assuntos do meio ambiente, pois geralmente as imagens que estes recursos didáticos apresentam são ricas em detalhes ambientais de maneira que o/a professor/a deve explorá-las a fim de integrar a aula de História a assuntos de Educação Ambiental, dando um significado maior ao ensino, uma vez que

os educando poderão fazer uma inter-relação entre os conteúdos estudados e então perceber que o ensino está interligado e não é algo solto e ou por demais específicos de cada área do conhecimento.

Bittencourt (2008), ao falar sobre as imagens contidas nos livros didáticos de História, ressalta que as ilustrações são uma forma de despertar nos alunos a curiosidade para aspectos que são pouco explorados nos livros. Um desses pode ser o ensino sobre as diferentes formas a partir das quais as imagens expressam o Meio Ambiente em diferentes tempos históricos. A referida autora ressalta que:

Quando se propõe aos alunos uma observação das ilustrações dos livros, essa atividade pode construir em um dos meios de se despertar a curiosidade sobre aspectos pouco destacados no ensino e na forma de leitura do livro. Os próprios exercícios e questionários dos livros, propostos para a execução de tarefas pedagógicas, dificilmente incluem atividades sobre as imagens neles contidas (BITTENCOURT, 2008, p. 86).

Então cabe ao professor/a explorar mais as imagens trazidas nos livros didáticos de História, despertando a atenção do aluno para explorá-las como uma forma de compreender os acontecimentos de um determinado tempo histórico. Nesse caso, mesmo se o livro não explora as imagens através de seus exercícios, o posicionamento do/a professor/a frente a esse aspecto é de extrema importância, pois o trabalho com imagens, conforme já reiteramos, pode despertar o interesse do aluno e contribuir para a formação do senso crítico destes.

Um exemplo de imagem a partir da qual se pode explorar o estudo sobre o meio ambiente é a pintura “A primeira missa”, de Victor Meirelles (1861), reproduzida em grande parte dos livros de História. Esta obra aborda um dos primeiros contatos dos povos indígenas que aqui habitavam com os europeus. A partir dela, o professor/a pode questionar os alunos sobre o tipo paisagem que eles observam na imagem e então instigá-los a refletirem sobre como era o meio ambiente antes da chegada dos europeus aqui no Brasil, uma terra que era habitada por povos que respeitavam a natureza.

De acordo com esse exemplo, o professor pode explorar diferentes assuntos com base no uso das imagens bastante encontradas nos livros de História dos anos iniciais, e trabalhar de forma dinâmica as aulas a partir de variados temas, inclusive, o Meio Ambiente, de forma que através das aulas de História se possibilite também estudar a questão ambiental e, por exemplo, a forma como ela foi enfrentada em diferentes tempos históricos.

O livro didático se constitui como um recurso didático referencial do professor/a dos anos iniciais, no entanto, de acordo com Bittencourt (2008), ele sofre com a interferência do mercado, desde a sua elaboração pelos autores até a ilustração e, por fim, edição, dentre outros fatores ligados à editoração da obra.

Para além dos fatores que interferem na confecção, não podemos esquecer que o livro “é um importante veículo portador de um sistema de valores, de uma ideologia, de uma cultura” (BITTENCOURT, 2008, p.72). Para tanto, cabe ressaltar a importância na escolha desse material didático pedagógico fundamental na prática docente, uma vez que ele é formado em meio a relações de poder e, por isso mesmo, muitas das vezes, enfatiza valores dos grupos dominantes.

Configura-se ainda relevante ressaltar a necessidade da utilização desse material associado a outras fontes, como imagens, filmes, mapas, ilustrações diversas para melhor explicar o conteúdo em estudo. O ensino nessa perspectiva pode atrair os alunos, além de buscar discutir o conteúdo de várias formas, com o fim de conseguir o entendimento por parte do aluno. Diante dessa perspectiva de utilização indispensável do livro didático nas aulas de História dos anos iniciais, cabe compreender como este material está sendo usado na prática docente.

2.2 A prática pedagógica docente e o livro didático: O trabalho na escola e a ação educacional

A prática docente envolve inúmeras responsabilidades e uma delas, é o planejamento de atividades. Estas podem, e devem, ser bem planejadas com o objetivo de contribuir para a transformação pessoal e intelectual do aluno ou podem ser atividades em que se busca apenas propiciar o “depósito” de conteúdos nos discentes. Neste último caso, temos um conjunto de atividades que fazem parte daquilo que Paulo Freire denominou de educação bancária. Nessa concepção de educação, os alunos não são levados à reflexão e são considerados verdadeiros depósitos, destituídos de todo e qualquer tipo de conhecimento, daí por que o professor precisa ir depositando as informações de forma que os alunos vão assimilando tudo o que lhes é transmitido.

Esse tipo de ensino difere do proposto por Freire (1996). Para esse importante educador, “ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p.22) Consequentemente, o professor assume a função de mediador entre o conteúdo e o aluno e para tanto precisa promover atividades que possibilitem a formação de sujeitos críticos.

Sabemos que planejar envolve tempo e que as atividades ou conteúdos ensinados devem ser planejados de uma melhor forma que busque o seu real objetivo, a aprendizagem dos alunos. Para atingir esse objetivo, o/a professor/a precisa deixar de se preocupar com os conteúdos programados e procurar desenvolver atividades que facilitem o entendimento dos alunos.

Todavia, não podemos esquecer da existência de dificuldades enfrentadas pelo professor/a ao assumir uma posição tão complicada que é deixar de cumprir uma função ou as atividades e conteúdos que são cobrados pelo sistema de ensino e ainda supervisionados pela gestão escolar. Sob essa dupla pressão que o docente sofre no exercício de sua profissão, Tardif (2005) afirma que:

O trabalho docente se realiza em função de um mandato prescrito pelas autoridades escolares e governamentais. Ora, esse mandato é geral e válido para todo o conjunto dos membros dessa profissão que, apesar das particularidades de sua situação e formação, são levados a perseguir objetivos comuns, gerais (TARDIF, 2005, p. 42).

Nesse sentido, sendo o trabalho docente marcado por funções específicas exigidas por um órgão superior e tendo que cumprir o que se é estabelecido, a ação do/a professor/a fica submetido a cumprir primeiramente essas normas exigidas pelo sistema. Isso dificulta a prática docente. Por exemplo, se houver a necessidade de trabalhar um determinado conteúdo em cuja aprendizagem os alunos apresentem dificuldades, essa necessidade corre o risco de ser “atropelada”, pois no trabalho docente “o espaço e a duração de sua realização são controlados” (TARDIF, 2005, p.42) por programas, avaliações que perpetram o sistema escolar.

Ensinar, como diz Paulo Freire (1996), exige pesquisa, porque o professor precisa estar buscando se aperfeiçoar para ensinar, pois faz parte da natureza do trabalho docente, visto que o conhecimento é versátil, ou seja, está em transformação. Além do que os alunos nessa “era digital” estão cada vez mais informados sobre os acontecimentos e têm acesso a todo o momento a informações. Então, o professor necessita também acompanhar estes avanços que as tecnologias oferecem e também estar sempre pesquisando e reconstruindo os seus conhecimentos.

Por vários desses motivos, os educadores veem o livro didático como um aliado na sua prática docente, pois em vista de todas as atribuições em sala de aula e na escola, esse recurso possibilita um porto seguro que indica o que deve ser ensinado, as atividades a serem aplicadas e ainda lista todos os conteúdos que são cobrados pelo sistema de educação. No entanto, essa forma de exploração do livro didático em sala de

aula muitas vezes deixa os professores acomodados que acredita ser desnecessário buscar outras formas de utilização do livro didático em sala de aula ou outros métodos para complementar o que o livro apresenta, descaracterizando a função desse que é uma ferramenta pedagógica dentre várias outras.

Então é função do professor buscar outras formas de utilizar o livro didático, procurando explorar as diversas fontes que estes manuais didáticos trazem:

Outros instrumentos apresentados ou sugeridos nos livros didáticos também podem ser mais bem utilizados. No caso dos específicos de História: documentos transcritos como leituras complementares ao final de capítulos, mapas históricos e tarefas a serem desenvolvidas que, muitas vezes, não são de fixação de informações, mas de pesquisa, incentivadoras de debates e que também poderiam ser motivadoras iniciais de novos conteúdos. Sugestões de filmes, séries televisivas, histórias em quadrinhos, charges, ou seja, recursos que têm a imagem como veículo fundamental, necessitam de novos aportes informacionais para que sejam, adequadamente, trabalhados pelo professor (OLIVEIRA, 1997, p.40).

As diversas fontes apresentadas nos livros didáticos de história são materiais ricos em informações que quando utilizados pelos professores/as contribuem na dinamização das aulas e, também, se constituem como ponto de partida para debates e discussões sobre os assuntos ligados direto ou tangencialmente relacionados à disciplina de História.

Esses recursos abordados nos livros didáticos de História se constituem como um material de importância para se trabalhar com meio ambiente nas séries iniciais, por exemplo, ao abordar as imagens referentes ao período da chegada dos Portugueses ao Brasil e as imagens ao longo da exploração dos recursos naturais aqui existentes, podemos explicitar que “a exploração dos recursos naturais pelo ser humano possui uma história” (BITTENCOURT, 2003, p.42). Neste sentido, ao trabalhar a história, o professor pode lançar mão também dos conteúdos sobre meio ambiente, mesmo sem se referir ao aluno que está estudando tal temática.

Então as possibilidades de utilização do livro didático são diversas, mas cabe destacar que a função dele “pode ser o de instrumento de reprodução de ideologias e do saber oficial imposto por determinado setores do poder e do Estado” (BITTENCOURT, 2008, p.73). A sua produção é marcada por vários atores, por isso que o propósito de uso desse instrumento pelo professor/a é que vai fazer toda a diferença, pois:

as práticas de leitura do livro didático não são idênticas e não obedecem necessariamente às regras impostas por autores e editores ou por instituições governamentais (BITTENCOURT, 2008, p.73-74).

Nesse sentido, o tipo de leitura, os capítulos estudados e a forma de conduzir a sua utilização em sala de aula vão depender do tipo de sujeitos que o professor pretende formar, sujeitos críticos ou indivíduos que aceitam tudo o que lhes é imposto pela classe dominante.

Então, mesmo que o livro didático apresente “lacunas”, ou seja, que não possibilite um ensino crítico, ou que sejam ainda abordados os conteúdos de forma tradicional, é tarefa do/a professor/a buscar “descontextualizar e recontextualizar” (MOREIRA E CANDEU 2007) esses conteúdos com os alunos mostrando como realmente aconteceram os fatos históricos e as implicações que estão por trás da sua elaboração e a realidade dos fatos históricos ocorridos. Moreira e Candau (2007) defendem que:

Em primeiro lugar, destacamos a descontextualização dos saberes e das práticas, que costuma fazer com que o conhecimento escolar dê a impressão de “pronto”, “acabado”, impermeável a críticas e discussões (MOREIRA E CANDEU 2007, p.23).

Os professores devem focar que o conhecimento trazido nos livros didáticos não são necessariamente verdades absolutas, uma vez que tanto o conhecimento como a produção do livro didático ocorrem em meio a relações de poder. Nesse caso, pode-se buscar trazer as possíveis discussões envolvidas na construção do conhecimento, descontextualizando esse processo e recontextualizando junto com o aluno trazendo outras fontes de informações e as questões políticas que existem por trás do conhecimento. Ao trabalhar os conteúdos dos livros didáticos fundamentada nessa questão, está se desenvolvendo o senso crítico do aluno.

Nessa perspectiva, os professores podem explorar as questões existentes por trás dos conteúdos de meio ambiente ao questionar os alunos sobre a ação do capitalismo na exploração exagerada dos recursos naturais e como esse assunto é referido no livro didático ou se nem mesmo é citado, pois como aborda Bittencourt (2003):

O momento presente, do capitalismo industrial que, por intermédio de inovações tecnológicas, tem impulsionado uma maior exploração e devastação da natureza quando se compara a momentos anteriores precisa ser entendido em toda sua complexidade e contradições (BITTENCOURT, 2003, p.42).

Compreender a função desempenhada pelo capitalismo sobre a exploração da natureza e, desde que época essa ação vem sendo desenvolvida é tarefa da História. Sendo assim, mesmo que nos livros didáticos não seja enfocada essa questão, o/a

professor/a dos anos iniciais como profissional polivalente, que ensina todas as disciplinas, precisa ensinar esse conteúdo que se remetem ao ponto de partida dos problemas ambientais e retratam a base da formação da sociedade atual.

O ensino da temática meio ambiente também pode ser desenvolvido em consonância com as demais disciplinas escolares, ou seja, de maneira interdisciplinar, pois deve se levar em consideração que a “natureza é dinâmica e não pode ser entendida como estática sendo necessário ser percebida em seu movimento” (BITTENCOURT, 2003, p.52). Em virtude disso, o ensino na perspectiva interdisciplinar garante esse aprendizado de que a natureza está em constante mudança e o ser humano é o principal responsável por estas mudanças. Bittencourt (2003) traz como exemplo do ensino interdisciplinar com essa temática o seguinte:

no caso de estudo sobre alimentos, uma temática concebida como exclusiva da área de Ciências, o ensino de História, ao tratar do tradicional processo de colonização por intermédio da produção açucareira, pode inserir este conteúdo em dimensões ambientalistas. Ultrapassando as análises que inserem a economia açucareira ao mercantilismo e constituição da sociedade escravocrata, a produção de açúcar pode ser estudada de forma a ser associada aos hábitos de consumo alimentar da sociedade europeia dos séculos XVI ao XVIII e as transformações ocorridas na Europa com a introdução de novos produtos americanos. E, reciprocamente, no caso brasileiro, a importância da introdução de produtos europeus integrados às plantas alimentícias e medicinais indígenas e aquelas introduzidas pelos africanos (BITTENCOURT, 2003, p.52).

O ensino sobre meio ambiente pode ser desenvolvido com base no exemplo da autora. A partir dos conteúdos abordados no livro didático de História, o educador pode introduzir os assuntos ambientais e fazer relações com as demais disciplinas, diversificando o ensino e garantindo um trabalho mais dinâmico e interessante para os alunos.

Em outras palavras, o ensino sobre meio ambiente a partir das aulas de História e, sobretudo, a partir do livro didático se constitui como uma forma de trabalho inovador que garante um trabalho interdisciplinar de conteúdos de fundamental importância para a formação de cidadãos conscientes das questões ambientais que perpassam a realidade mundial.

3. O MEIO AMBIENTE E A SUSTENTABILIDADE NOS ANOS INICIAIS: A PRÁTICA DOCENTE, A VISÃO DO ALUNO E O LIVRO DIDÁTICO

3.1 Caracterizações da área estudada

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Escritor Alceu do Amoroso Lima é uma instituição pública que busca cada vez melhor atender à comunidade promovendo o resgate à cidadania, como marco referencial, além do conhecimento sistematizado. Criada em 1996, com o nome de Escola Estadual “Escritor Alceu do Amoroso Lima”, tendo sua instalação ocorrida em março de 1996, no início, atendia somente de 1ª a 4ª série. Com o passar dos anos, as exigências escolares aumentaram, de forma que foi preciso expandir o atendimento e a capacidade da escola. Em março de 1998, foi implantado o ensino fundamental de 5ª a 8ª série.

No ano de 1999, a escola, atendendo à LDB (Lei de Diretrizes e Bases), muda sua nomenclatura de Escola Estadual Escritor Alceu do Amoroso Lima para Escola Estadual de Ensino Fundamental Escritor Alceu do Amoroso Lima. A partir de 2005, é autorizado o funcionamento da Educação de Jovens e Adultos- EJA. Em 2010, é implantado o Ensino Médio Regular. É uma escola que atua também na perspectiva da educação e inclusão de crianças com necessidades educativas especiais, as quais são atendidas em horário oposto às aulas regulares na sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE).

A escola fica localizada na Rua Conceição B. Santiago S/N, Bairro Malvinas, Campina Grande PB e é mantida pelo Estado da Paraíba e administrada pela Secretaria de Estado da Educação e Cultura. Atende às modalidades de ensino dos anos iniciais, ensino fundamental e ensino médio (regular e EJA), nos turnos manhã, tarde e noite, com o total de 1.127 alunos. Dentre os matriculados, encontram-se discentes com faixa etária desde 6 (seis) até 60 (sessenta) anos de idade.

O contexto social da escola é de zona urbana, situada em uma região periférica da cidade de Campina Grande. A maioria dos alunos apresenta um perfil sócio-econômico de renda mínima, pois grande parte das famílias depende de programas como bolsa escola. A filosofia da escola é:

Educar partindo do princípio: prática - teoria - prática, em busca da construção de uma sociedade justa, igualitária, que vivencie valores e conhecimentos socialmente úteis, almejando o desenvolvimento integral do ser humano, sujeitos do contexto social e capazes de transformar o ambiente em que vivem” (PROJETO POLITICO PEDAGOGICO DA ESCOLA CAMPO, 2012).

A escola, campo de nossa pesquisa, segue uma linha eclética, ou seja, cada professor segue a tendência pedagógica que se adequa a sua realidade em sala de aula. Esta proposta está contida em seu Projeto Político Pedagógico, no qual se afirma que a escola segue teorias como: pedagogia da organização coletiva, pedagogia da escolha, pedagogia do trabalho, pedagogia da história, buscando desenvolver uma aprendizagem de forma coletiva, para a qual todos envolvidos na escola contribuam com vistas ao desenvolvimento dos alunos de forma que estes possam fazer suas próprias escolhas, resgatando a história da comunidade para o processo educativo.

Em relação à estrutura física, a escola conta com 10 salas de aula; 01 sala de AEE; 01 sala de leitura; 01 laboratório de informática; 01 diretoria; 01 secretaria; 01 sala de professores, 01 banheiro de funcionários; 01 cantina; 01 dispensa; 01 almoxarifado; 01 pátio coberto; 02 banheiros especiais; 02 baterias de banheiros; 01 campinho de areia; 01 quadra coberta que, todavia, se encontra desativada com oxidação na estrutura.

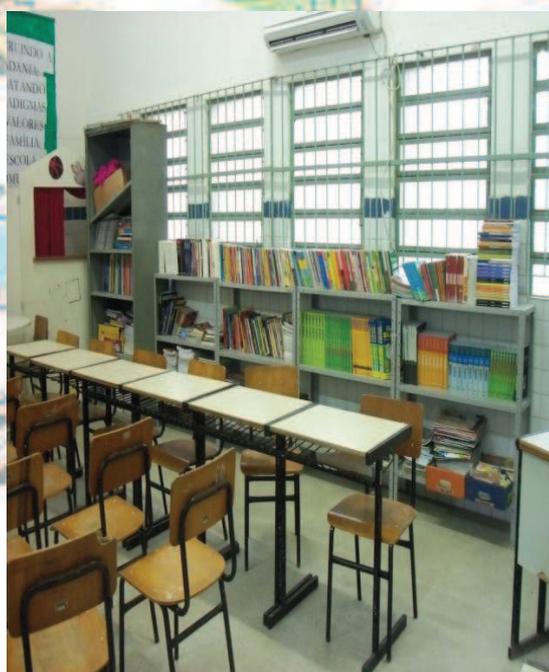
O quadro de funcionários da escola conta com um total de 58 pessoas: 03 vigias; 02 merendeiras; 02 porteiros; 02 inspetoras; 02 auxiliares de biblioteca; 06 auxiliares de secretaria; 06 auxiliares de serviço; 01 cuidador de alunos especiais; 01 secretário; 01 coordenadora pedagógica (noite); 01 gestora – adjunta; 01 gestora escolar e 30 professores.

A escola possui uma sala informatizada com 10 computadores novos, conectados à internet de banda larga com diversos softwares de todas as disciplinas cujos alunos são estimulados a utilizar as ferramentas de informática de forma criativa e relacionadas aos diversos saberes.

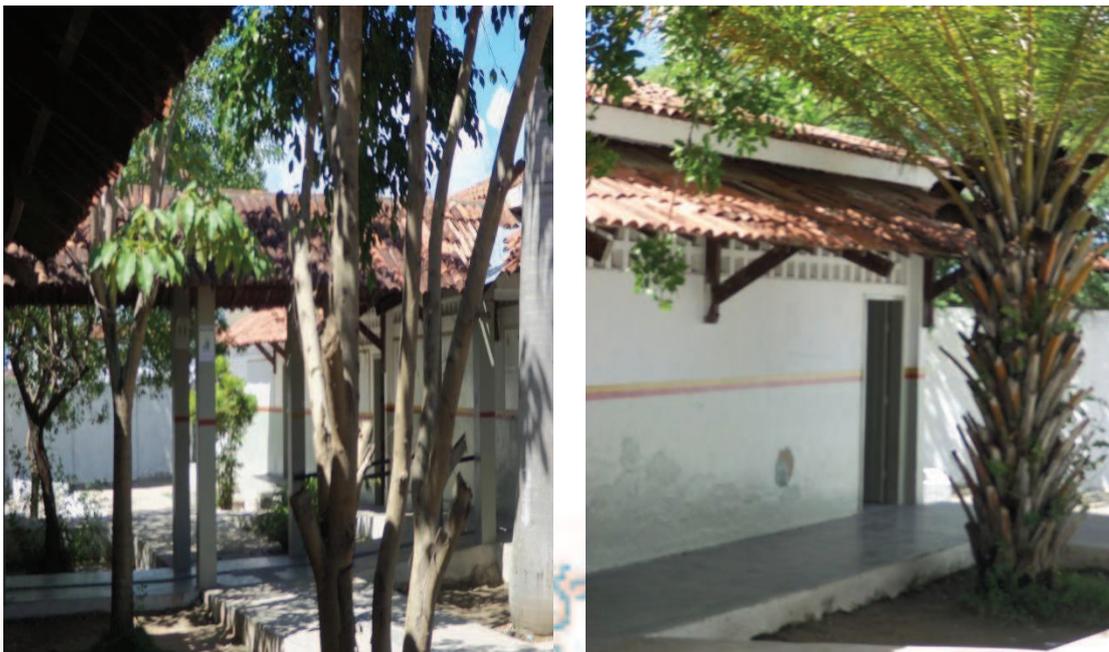
Além disso, as secretarias e a direção também estão informatizadas com acesso à internet. A sala de recursos multifuncionais possui 02 computadores e um notebook conectados à internet para os alunos com deficiências pesquisarem, além de haver uma televisão. Como parte da informatização, a escola possui ainda dois televisores equipados com DVD, notebook, microsistemas, data-show e retroprojetor para dinamizar as aulas.



FONTE: http://eeefalceuamorosolima.blogspot.com.br/p/nossa-escola_28.html



FONTE: http://eeefalceuamorosolima.blogspot.com.br/p/nossa-escola_28.html



FONTE: http://eeefalceuamorosolima.blogspot.com.br/p/nossa-escola_28.html

3.2 Meio ambiente no livro didático: análises no ensino de História

O livro didático é um recurso pedagógico muito utilizado pelos professores/as dos anos iniciais e se constitui como uma importante ferramenta na prática cotidiana docente. A partir dele, o professor pode se orientar sobre os conteúdos a serem ensinados sobre uma determinada disciplina e como trabalhar esses conteúdos com os alunos.

Diante desse importante recurso, presente na prática de professores/as das séries iniciais, analisaremos como, a partir do livro didático de História do 4º ano, é possível trabalhar a questão ambiental, tendo em vista que, de acordo com os Parâmetros curriculares Nacionais que estabelecem o meio ambiente como tema transversal, este deve ser abordado nas diversas disciplinas do currículo escolar, inclusive na disciplina de História.

O livro em análise é o do 4º ano do ensino fundamental das autoras Alves, Oliveira e Borella (2008), publicado pela Editora Saraiva e destinado ao ensino de História entre os anos de 2010 a 2012. Percebemos que a partir do livro é possível trabalhar a questão ambiental, pois ele traz várias imagens quer sejam pinturas, fotografias, mapas que retratam o meio ambiente dentro de uma abordagem histórica, a exemplo, do contexto histórico em que aparecem os indígenas, os negros e os

colonizadores em contato com o meio ambiente, conforme mostram as imagens a seguir, retiradas do livro em epígrafe:

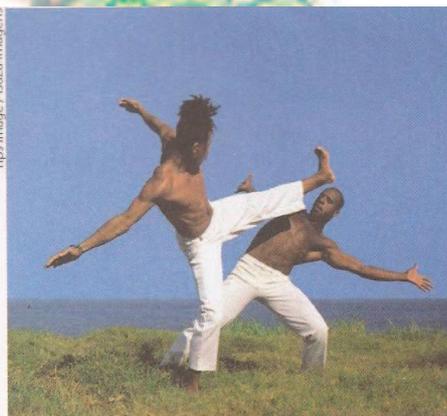
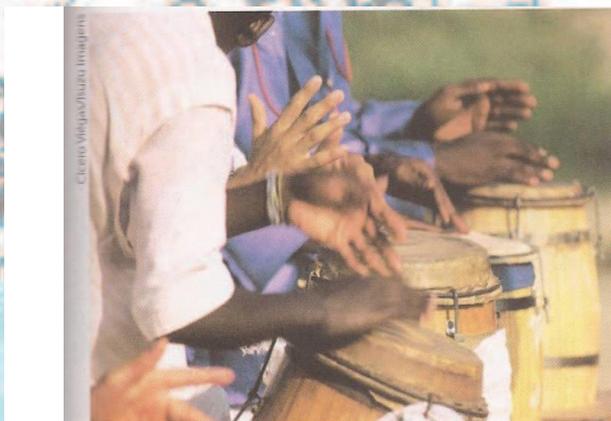


Mulheres da nação Kamayurá, em Mato Grosso, trabalhando na roça de mandioca.



Mulher da nação Krahô, do Tocantins, preparando cesto de buriti junto com familiares.

FONTE: Alves, Oliveira e Borella. Projeto Prosa: história, 4º ano



FONTE: Alves, Oliveira e Borella. Projeto Prosa: história, 4º ano



João Ramalho aponta o caminho de Piratininga (São Paulo) - Martin Afonso de Sousa, óleo de Benedito Calixto, sem data.

FONTE: Alves, Oliveira e Borella. Projeto Prosa: história, 4º ano

É também enfatizado no livro em análise o modo de vida dos grupos étnicos indígenas que aqui no Brasil estavam antes da chegada dos portugueses. Estes povos viviam em contato com a natureza sem devastá-la, tal como os Europeus fizeram assim que se apossou das terras brasileiras, como se afirma no próprio texto retirado do livro didático, em questões para o aluno responder:

Povos ricos, ainda que sem moeda e roupas. Povos com engenharia, medicina e arquitetura que, hoje, os brancos reconhecem como a sabedoria de um desenvolvimento baseado no uso e no usufruto de todo o meio ambiente, e uma sustentabilidade que não destrói a terra, nem contamina as águas e o ar. (Marcos Terena. Disponível em: WWW.jbonline.terra.com.br/destaques/500anos/id1ma7.html. acesso em: setembro de 2007).

Sendo assim, o livro didático apresenta historicamente como era o meio ambiente antes da chegada dos portugueses ao Brasil, além de possibilitar à professora trabalhar a sustentabilidade vivida pelos indígenas e evidenciar que, à medida que se apropriou das terras brasileiras, o colonizador foi explorando as riquezas naturais, aumentando o seu poder aquisitivo e o desenvolvimento econômico da metrópole, e que esse desenvolvimento e essas riquezas foram fruto de muitos anos de devastação e agressão à natureza.

O livro traz cenários que retratam o meio ambiente através das imagens fotográficas que se fazem importantes, pois possibilitam aos alunos articular o que é veiculado nelas com a relação entre questão ambiental e história. Sobre esse aspecto, lembremos que:

Quando se propõe aos alunos uma observação das ilustrações dos livros, essa atividade pode construir em um dos meios de se despertar a curiosidade sobre aspectos pouco destacados no ensino e na forma de leitura do livro. (BITTENCOURT, 2008, p. 86).

Esses momentos se fazem presentes durante quase todo o livro quando é mostrado, através das imagens, o tipo de vida antes do “Descobrimento do Brasil”, durante o regime de escravidão e na contemporaneidade, como retratam as imagens anteriormente apresentadas.

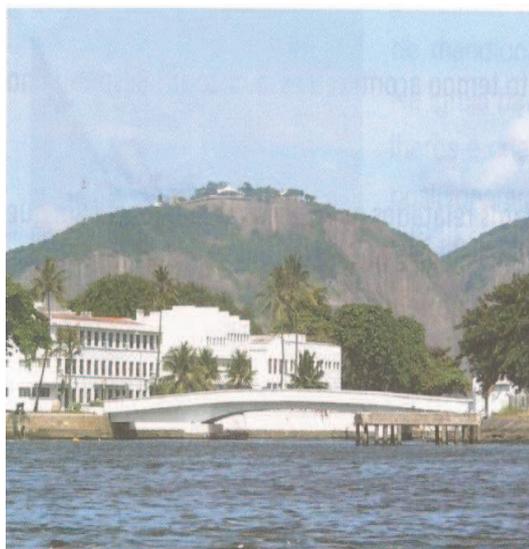
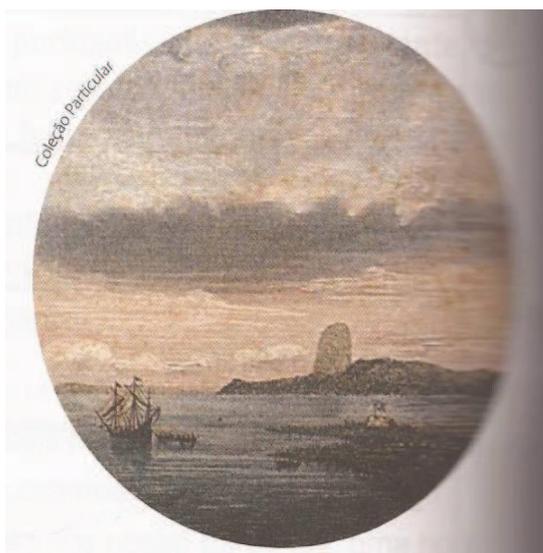
O livro didático de Alves, Oliveira e Borella (2008) é rico em possibilidades para trabalhar com meio ambiente na perspectiva histórica, o que entra em consonância com o que sugerem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), ou seja, a abordagem interdisciplinar dos conteúdos com vistas à aproximação entre as disciplinas.

Nesta perspectiva de trabalho interdisciplinar, a questão ambiental assegura aos alunos a percepção de que a “natureza é dinâmica e não pode ser entendida como estática sendo necessário ser percebida em seu movimento” (BITTENCOURT, 2003, p.52).

A partir do livro didático em comento, a professora pode trabalhar o meio ambiente de forma transversal, no ensino de história, ou seja, a partir do contexto ou do período histórico abordado no livro. Por exemplo, discutir com a geografia através do uso de mapas (cartografia); com a ciência através da diversidade ambiental e a sustentabilidade, e discutir que medidas poderiam ser feitas para garantir a preservação do meio ambiente que não comprometam os recursos naturais para as futuras gerações; assim como com a matemática problematizando os anos de devastação ambiental do Brasil.

Desse modo, a professora estará trabalhando de acordo com o que apresenta o PCN de meio ambiente e desenvolvendo a sustentabilidade nas aulas de História, além de estar trabalhando a questão ambiental dentro do universo em que o aluno tem contato, o livro didático e a sala de aula.

Nas aulas de História, a partir da utilização do livro didático de Alves, Oliveira e Borella (2008), a docente pode fazer um contraponto de um dado espaço do passado e como este é visto na contemporaneidade, mostrando ao aluno as transformações que o meio ambiente sofreu ao longo dos anos, como se evidencia na imagem a seguir, retirada do livro didático analisado.

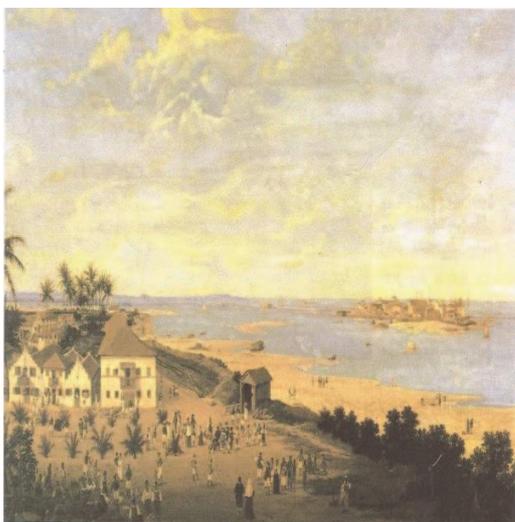


Com base nessas imagens, a professora pode falar também da importância da cidade do Rio de Janeiro no período Colonial, na época capital do Brasil. A cidade servia como sede, lugar de onde eram enviados os impostos para Portugal, cobrados pela extração de ouro, assim como pode ser destacada a importância do Rio de Janeiro na atualidade, sendo considerado um dos centros do turismo brasileiro, por possuir as mais belas praias do mundo. Nesse caso, pode-se falar sobre o crescimento do turismo brasileiro e que o aspecto importante nestes turismos são as belezas naturais encontradas em todo o país.

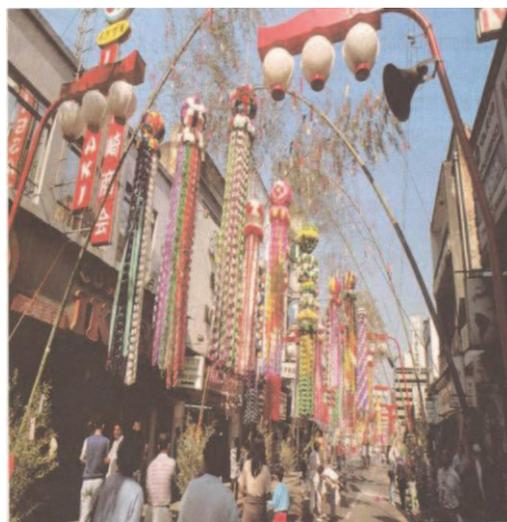
Ainda partindo dessa discussão, pode ser discutindo com os alunos que essa transformação que o ser humano fez ao meio ambiente tanto contribuiu para a formação de vilas, cidades, metrópoles, assim como proporcionou a devastação do meio ambiente.

O resultado dessas construções desordenadas tem afetado a cadeia natural e o exemplo disso é a invasão do mar em períodos de maré alta em algumas cidades, assim como o desabamento de casas, em períodos de chuva, construídas em morros, nas grandes cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo. Esses acontecimentos são respostas da natureza, decorrentes de agressões sofridas, há milhares de anos, em decorrência da ação dos seres humanos.

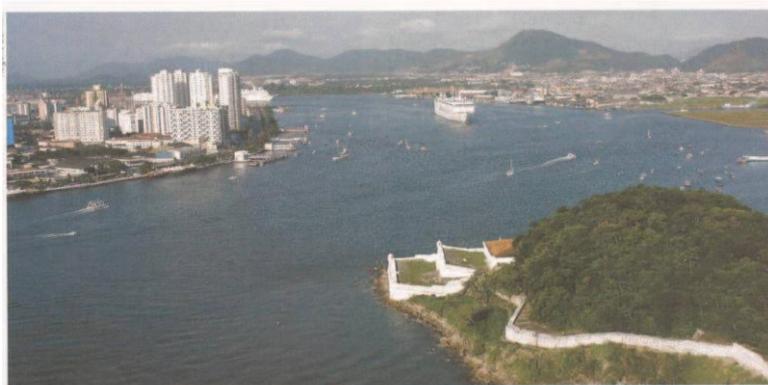
Nas imagens abaixo retiradas do livro didático em análise, apresentam-se exemplos de vila, metrópole e cidade.



Vista da cidade Maurícia e do Recife por volta de 1640, óleo sobre madeira de Frans Post, 1653. A ilha ao fundo é o atual bairro do Recife, onde os holandeses se estabeleceram.



O Tanabata Matsuri (Festival das Estrelas) ocorre todos os anos desde 1979 no bairro da Liberdade, onde moram muitos dos imigrantes japoneses da cidade de São Paulo.



Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande, em Santos, estado de São Paulo, 2008, em primeiro plano à direita.

FONTE: Alves, Oliveira e Borella. Projeto Prosa: história, 4º ano

Outro conteúdo que pode ser abordado através do livro didático é a formação populacional e a questão cultural em determinado contexto histórico. Pode ser dada ênfase a como essas diferentes culturas se relacionaram dentro do meio ambiente. Essa é uma forma de trabalhar a diversidade cultural proposta pelo PCN de pluralidade Cultural em consonância com a História e com o tema Transversal Meio Ambiente.

É possível também trabalhar, a partir do livro em análise, como a questão ambiental atravessou toda a história da sociedade brasileira, desde o Brasil Colônia até o período do Império, assim como na contemporaneidade, o que mostra que o livro didático, ao trabalhar a questão ambiental, possibilita fazer uma relação entre o ser humano, o meio ambiente e o contexto histórico.

O manual didático analisado possibilita, no contexto da sala de aula no ensino de História, trabalhar o meio ambiente de maneira interdisciplinar, articulado ao contexto histórico, à cultura, à formação social dos povos que deram origem à sociedade brasileira e conhecer, como fala Bittencourt (2003), que “a exploração dos recursos naturais pelo homem possui uma história”, ou seja, compreender como se deu a exploração ambiental ao longo dos anos pelos seres humanos e que, portanto, é possível sim o ensino sobre a questão ambiental a partir das aulas de História.

3.2.1 A prática pedagógica da professora no 4º ano dos anos iniciais: percepções sobre meio ambiente e sustentabilidade

Os/as professores/as têm encontrados muitas dificuldades no processo de ensino-aprendizagem em sala de aula. Essas dificuldades, muitas das vezes, são decorrentes da

falta de incentivo e participação da família no processo de ensino. Isso se confirma na fala da professora M.P.M. do 4º Ano:

A falta de estímulos e acompanhamento da família no processo do desenvolvimento da leitura e da escrita da criança associados a uma didática “inadequada” desencadeia dificuldades como: desinteresse pelos diferentes gêneros textuais, expor na escrita (frase ou textos) seu pensamento ou opinião, solucionar problemas lógico-matemáticos, problemas de comportamento. Alguns apresentam transtornos de aprendizagem: disgrafia, disortografia e TDA (Transtorno de Déficit de Atenção) (M. P. M. 2012).

Essas são algumas das dificuldades encontradas na prática docente, sobretudo dos anos iniciais. Fica sob a responsabilidade do professor buscar resolver esses problemas e ainda dar conta dos conteúdos a serem ensinados naquela série, pois a professora precisa cumprir as normas vindas do sistema de ensino. Tardif (2005), ao enfatizar sobre o sistema de ensino, mostra que:

O trabalho docente se realiza em função de um mandato prescrito pelas autoridades escolares e governamentais. Ora, esse mandato é geral e válido para todo o conjunto dos membros dessa profissão que, apesar das particularidades de sua situação e formação, são levados a perseguir objetivos comuns, gerais (TARDIF, 2005, p. 42).

Diante dessas dificuldades do trabalho docente, professores ainda se deparam com outros problemas na prática escolar, a exemplo, a falta de apoio de outros profissionais, como psicólogos e coordenadores, fundamentais, que deveriam auxiliar sempre que necessário o professor e contribuir no desenvolvimento da docência, pois, como fala a Professora (M.P.M, 2012), sobre os problemas encontrados em sua prática que em:

Se tratando da escola pública, o apoio de outros profissionais: Psicólogo, coordenador. Desenvolver um trabalho coletivo para melhoramento de algumas expectativas de aprendizagem (M. P.M, 2012).

O apoio desses profissionais é de fundamental importância para um melhor desempenho da aprendizagem dos alunos, que, sendo de escola pública, e, por vezes, carentes de estrutura familiar e, portanto de incentivo escolar, necessitam de estímulos e acompanhamentos de uma equipe que procure desenvolver um trabalho que estimule os alunos a se interessarem a estudar.

Para o desenvolvimento de uma prática docente de qualidade, a formação do/a professor/a é uma das principais necessidades e ainda a sua experiência é uma

importante aliada da prática. A professora (M. P. M, 2012), ao ser questionado sobre a contribuição de sua formação para prática pedagógica, respondeu que:

De me apropriar de conhecimentos sobre as práticas pedagógicas, tipos de avaliação, o papel social do professor e da escola. Que somado à experiência profissional me possibilitou uma melhor reflexão da minha didática e prática (M, P, M, 2012).

Sendo assim, para a professora pesquisada, a sua formação lhe possibilitou conhecimentos sobre a sua função enquanto docente, bem como a sua experiência permitiu fazer uma reflexão sobre a sua prática. O ensino, de maneira geral e, sobretudo, nos anos iniciais, se constitui como desafiante, pois os alunos estão sempre antenados e informados, e as tecnologias têm garantido o acesso em tempo real aos acontecimentos do mundo. E de acordo com a professora, o desafio no ensino dos anos iniciais se constitui como:

É desafiante, pois nos deparamos com uma geração cheia de curiosidades, antenada e bem informada. Nosso desafio é trazer a família para a escola e fazer os alunos se interessarem pelo o ambiente escolar (M. P. M, 2012).

Sendo assim, um dos maiores desafios apontados pela professora é trazer a família para o contexto escolar, a fim de contribuir com o desenvolvimento da aprendizagem do aluno. Ela define como desafiante a profissão docente dos anos iniciais, pois cada vez mais as crianças estão tendo acesso à informação e comunicação e conseqüentemente o/a professor/a necessita acompanhar os acontecimentos para informar aos alunos e também participarem das discussões destes.

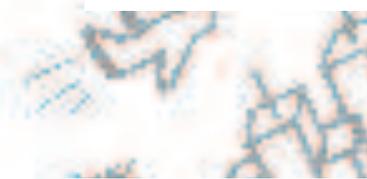
Freire (1996) enfatiza que ensinar exige pesquisa, e para tanto exige tempo e dedicação, pois o conhecimento é versátil e está em transformação, é por isso que o professor deve ser um eterno pesquisador. Em meio aos desafios encontrados em sala de aula, os/as professores/as dos anos iniciais do ensino fundamental ainda necessitam planejar as suas aulas de forma que compreendam todas as disciplinas, pois como se tratam de professores polivalentes, ou seja, que ensinam todas as áreas do conhecimento, os seus planejamentos precisam contemplar todas elas.

Sendo assim, como o tema Meio ambiente é sugerido para ser trabalhado de forma transversal no currículo, perguntamos a professora se ela discute sobre meio ambiente (M A). Foi respondido que sim e que, além de ser um dos conteúdos dos

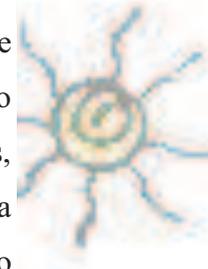
PCNs, acredita ser um tema necessário para o aluno refletir sobre a responsabilidade de cada indivíduo, para garantir a VIDA no planeta.

Nesse sentido, sua resposta demonstra que ela tem conhecimento sobre a proposta do Parâmetro Curricular de Meio Ambiente, que estabelece que os seus conteúdos sejam enfocados de forma interdisciplinar, abrangendo as várias áreas do conhecimento.

O tema meio ambiente é de fundamental importância para se trabalhar em todas as modalidades de ensino e, sobretudo, nos anos iniciais, pois é justamente nesse período que os alunos estão formando os seus valores. Nesse sentido, questionamos a professora porque se faz importante ensinar meio ambiente nos anos iniciais. Ela respondeu que:



Desenvolver nas crianças a mudança de práticas e atitudes e a formação de novos hábitos com relação à utilização e reaproveitamento dos recursos naturais, como garantir também a VIDA no planeta (M. P. M, 2012).



De acordo com a resposta acima, a docente compreende a importância de trabalhar meio ambiente para garantir a continuação da vida no planeta e para tanto o ensino nos anos iniciais se faz necessário para desenvolver desde cedo, nos pequenos, mudanças de práticas e atitudes para com o meio ambiente. E ainda quando ela fala sobre o reaproveitamento dos recursos naturais está se referindo sobre o desenvolvimento de postura sobre a sustentabilidade ambiental que possibilita “melhorar a qualidade de vida da vida humana dentro dos limites da capacidade de suporte dos ecossistemas” (BRASIL, 2001.p.38).

Nesse sentido, ao observarmos que a docente trabalha com meio ambiente, questionamos como ela aborda esse tipo de discussão com os alunos:



Conscientização da utilização e reaproveitamento dos recursos naturais; a questão do lixo - responsabilidade de todos; desperdício/reaproveitamento dos alimentos, dentre outros (M. P. M, 2012).

Na resposta dada, observamos que a professora aborda em suas aulas o trabalho dentro de uma perspectiva de sustentabilidade, pois seu ensino é baseado na conscientização na utilização dos recursos naturais, reaproveitamento de alimentos.

Para o ensino de qualidade, é necessário o envolvimento de todos que fazem parte da comunidade escolar e é ainda mais indispensável quando falamos de temas que envolvem mudança de atitudes e valores em relação ao consumo exagerado, como é o

caso da questão ambiental. Para tanto, examinamos se a escola em que a docente ensina costuma fazer atividades pedagógicas que envolvam o tema meio ambiente.

Sim, recentemente realizamos o projeto: Práticas de sustentabilidade no ambiente escolar, que motivou e mobilizou toda a comunidade escolar à reflexão e atitudes de economizar e reaproveitar os recursos naturais (M. P.M, 2012).

Nesse sentido, a escola trabalha a questão ambiental e, sobretudo, a sustentabilidade de forma dinâmica envolvendo toda a comunidade escolar: pais, alunos e funcionários. Isso mostra que a escola se envolve com a temática e busca formar cidadãos comprometidos com a preservação ambiental. A respeito do tipo de metodologia que é utilizado na prática pedagógica para trabalhar sobre meio ambiente, a professora respondeu que:

Pesquisa; textos informativos e questionamentos; produção não-verbal e interpretação da música; depende de nós; confecção de livrinho sobre o tema; debate sobre diversas formas de preservação (M. P. M, 2012).

As metodologias citadas pela docente apontam que ela diversifica as formas de trabalhar a temática e isso envolve os alunos a participarem das aulas, pois, como se trata de crianças cheias de energia, é preciso recorrer a atividades variadas que as atraiam para partilhar dos assuntos debatidos.

Levando em consideração que o ensino sobre meio ambiente se faz importante nos anos iniciais e que este trabalho pode ser feito de maneira interdisciplinar, questionamos a entrevistada se ela já discutiu sobre meio ambiente a partir das aulas de História.

Ela declarou que “sim e que sua abordagem sobre o referido tema visa destacara relação entre homem e natureza, levando os alunos a refletirem que toda ação tem uma reação, ou seja, enfatizando as consequências socioambientais”. Portanto, a professora tem consciência da possibilidade do ensino de meio ambiente a partir das aulas de História e faz uso dessa forma de ensino com seus alunos. Sabendo que o ensino da temática ambiental se faz possível a partir das aulas de História, questionamos a professora porque ela acha importante discutir sobre meio ambiente partindo das aulas da referida disciplina:

Leva o aluno entender o nosso passado e o nosso presente (questões sócio-históricas e ambientais e os problemas ambientais atuais e repensando a atuação do cidadão e da sociedade) (M. P. M, 2012).

A professora M.P.M. acredita que o ensino sobre o meio ambiente com base nas aulas de História possibilita ao aluno compreender não só o nosso passado, mas também o futuro, ou seja, as práticas sociais do passado que desencadearam os problemas ambientais e o que podemos fazer para melhorarmos o futuro. Por isso, a responsabilidade é de todos os cidadãos e da sociedade como uma toda. Nesse sentido, a fala da professora se coaduna com o que ressalta Bittencourt (2003):

As formas de o homem viver e conceber a natureza têm sido diversas, variando no tempo e no espaço e cabe aos estudos históricos situar tais diferenciações, evitando equívocos de passados idílicos, de existência de momentos de total harmonia e integração entre o homem e o mundo natural. A manipulação da natureza pelo homem tem uma longa história, com variações em intensidade e brutalidade. (BITTENCOURT, 2003 p.42).

E por isso a necessidade do ensino nos anos iniciais do ensino fundamental, em que alunos já devem começar a ter contato com a realidade ambiental enfrentada atualmente, como aquecimento global, escassez de água potável, catástrofes ambientais, entre outras, e que essa realidade é fruto de uma intensa brutalidade do ser humano com a natureza.

Nesta perspectiva das possibilidades de ensino sobre meio ambiente a partir das aulas de História, questionamos como a docente vê a questão ambiental no livro didático. Ela respondeu que:

Fundamental, pois permite ao aluno compreender as transformações sociais relacionadas a problemática ambiental e a relação sociedade x ambiente. Como ter conhecimento dos recursos nos fatos históricos no Brasil (M. P. M, 2012).

Nesse sentido, a docente compreende que as questões ambientais no livro didático são fundamentais, pois possibilitam ao aluno fazer a relação entre as transformações sociais que ocasionaram a problemática ambiental e a relação existente entre a sociedade e a natureza, bem como conhecer a função, degradação dos recursos naturais em cada período histórico.

Diante disso, perguntamos se ela utiliza o livro didático para trabalhar meio ambiente. A professora respondeu que “sim, relacionando alguns conteúdos históricos do nosso país - evolução, mudanças, causa a problemas ambientais enfrentados nos dias atuais”. Sendo assim, a pesquisada entende não só a relevância do livro didático abordar a problemática ambiental, mas oportuniza discussões sobre a temática a partir dos assuntos da disciplina de História, fazendo uma relação entre os problemas enfrentados atualmente e em que período histórico começou e como se deu essa evolução.

Sabendo da possibilidade de trabalho com o meio ambiente através do livro didático em análise, e a maneira como a docente aborda as discussões com base nele, questionamos como se dá o ensino nesta perspectiva.

Esta respondeu que: “com leituras, questionamentos e alguns conteúdos com aulas práticas (quando é possível, em virtude de materiais e espaços)” (M.P.M, 2012). Nesse sentido, a professora orienta os debates com base em questionamentos e através de leituras, além de fazer uso de aulas práticas, dinamizando o processo de ensino-aprendizagem. Contudo, acreditamos que a professora deveria fazer uso das imagens contidas no livro, pois se constitui como um material rico em oportunidades do ensino sobre a temática ambiental.

Diante das possibilidades de trabalho com a temática ambiental a partir do livro didático de História e levando em consideração que de acordo com a pesquisada ela faz uso em suas aulas, questionamos se na sua formação ela teve discussões sobre meio ambiente e como foram. A professora (M.P.M 2012) respondeu que “sim, ensinando as metodologias de trabalhar com ciências naturais”.

Observamos na resposta da professora que, em sua formação, só foi dada ênfase ao ensino sobre MA através da disciplina de ciências naturais, no entanto, mesmo não tendo visto em sua formação um ensino sobre meio ambiente, a professora trabalha de forma interdisciplinar, pois ela aborda a questão ambiental no ensino de História.

Portanto, de acordo com as respostas da professora acima descritas, ela trabalha com o tema meio ambiente nas aulas de História, dentro da proposta sugerida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, ou seja, de forma interdisciplinar. Ela busca contextualizar os fatos históricos com os problemas enfrentados pelo meio ambiente ou com os recursos naturais explorados em determinados período da história, relacionando assim os conteúdos de História com a questão ambiental.

3.2.2 Visões do aluno sobre questões ambientais

As discussões sobre meio ambiente na escola com os alunos se fazem importantes, pois é a partir delas que o alunado construirá uma consciência ambiental e de cidadania. Na nossa pesquisa, observamos que, de acordo com o posicionamento dos alunos, a escola discute sobre meio ambiente, pois todos os 16 (dezesesseis) alunos responderam que a escola promove discussões sobre o tema. Nesse sentido, a resposta

dada pela professora se confirma, pois ela respondeu que a escola promove projetos que envolvem as questões ambientais.

Quando indagados se a professora já comentou sobre a importância do meio ambiente e de sua preservação, todos os alunos responderam afirmativamente. Então, a professora realmente trabalha com a temática, uma vez que todos produziram a mesma resposta.

O item mais marcado pelos alunos na questão que fala se na família, os pais ou responsáveis já falaram sobre a importância da natureza, dos animais, de manter limpo o ambiente para evitar sujeira, foi a opção sim e apenas um aluno respondeu que não. Nesse sentido, percebemos que a família também ensina às crianças sobre a necessidade de evitar a poluição da natureza, pois esta é essencial para a nossa existência.

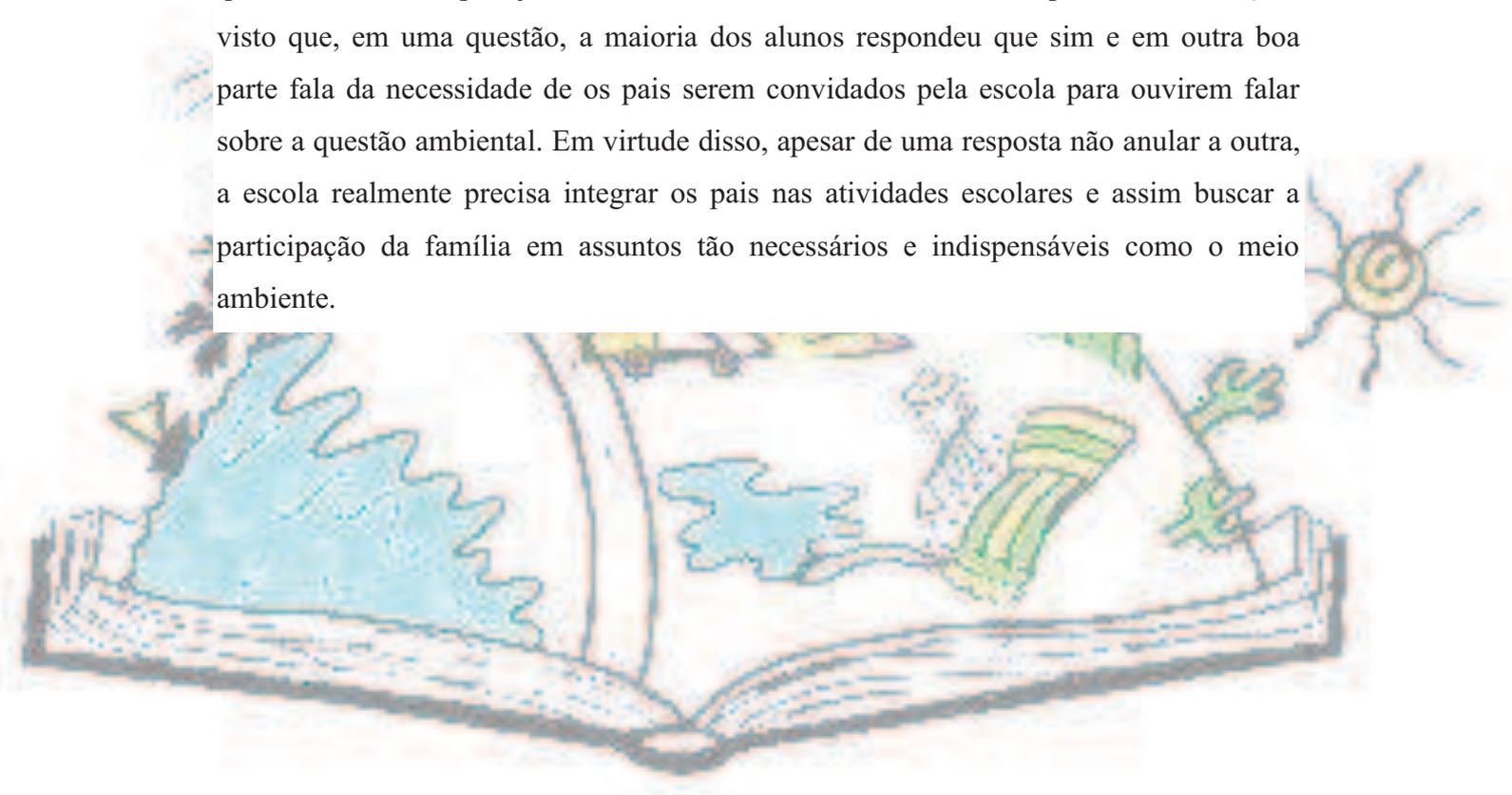
No questionário foi feita a seguinte pergunta: o que você acha que deveria ser feito na escola para falar para os alunos sobre meio ambiente? Dos 16 (dezesseis) alunos, 09 (nove) escolheram a opção em que a escola deveria convidar os pais e também os alunos e orientá-los sobre a importância do meio ambiente. Já os demais alunos indicaram a alternativa que se refere a todas as opções. Nesse sentido estão inclusas as seguintes alternativas: orientar com cartazes sobre a importância do meio ambiente; orientação e cuidado sobre meio ambiente a partir do ambiente da própria escola e mostrar como no livro didático a questão do meio ambiente é tratada e depois explicar aos alunos sobre ela.

Constata-se que, a docente, a maioria dos familiares e a escola abordam discussões sobre o meio ambiente, no entanto, a maioria dos alunos escolheu a opção em que os pais deveriam ser convidados para falar sobre a questão ambiental havendo uma contradição nas respostas.

Discutir sobre meio ambiente se faz importante para desenvolver nos alunos uma consciência ambiental. O aluno (D. S. C) no que se refere sobre meio ambiente respondeu que “Eu sei que devemos cuidar do meio ambiente para não prejudicar o mundo”, já o aluno (I. S. N) afirmou que: “É os animais, a natureza, manter limpo e etc.”, ainda com relação a esse aspecto “Sei que se as pessoas não cuidar da terra muitas coisas ruins acontecerão” (L. A. S. N), assim como (R. M. S. G) “Sei que devemos cuidar dela e não jogar lixo, não poluir o ar, não colocar fogo na floresta”. Os alunos demonstraram que sabem que o meio ambiente bem cuidado é indispensável para nossa vida e que sem os recursos naturais não sobreviveríamos.

Nessa perspectiva, da fundamental importância do meio ambiente para existência da vida, questionamos os alunos por que é importante preservá-lo. Sobre essa questão, (L. A. S. N) falou que “Porque se torna melhor a vida do ser humano”, já o aluno (I. S. N) afirma que “ Porque sem ele nós não vivemos” e ainda (A. A) “Para a poluição não tomar conta do meio ambiente”. Diante das respostas dos alunos, observamos que eles têm consciência da necessidade de preservar o meio ambiente e que ao cuidar dele também contribuimos para uma vida melhor.

Terminada a exposição das respostas dos alunos, podemos inferir que eles têm consciência da importância do meio ambiente para a nossa sobrevivência e que a professora discute com eles esta questão. No entanto, observamos que, quando questionados se os pais já falaram sobre meio ambiente, há uma aparente contradição, visto que, em uma questão, a maioria dos alunos respondeu que sim e em outra boa parte fala da necessidade de os pais serem convidados pela escola para ouvirem falar sobre a questão ambiental. Em virtude disso, apesar de uma resposta não anular a outra, a escola realmente precisa integrar os pais nas atividades escolares e assim buscar a participação da família em assuntos tão necessários e indispensáveis como o meio ambiente.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino sobre o meio ambiente se constitui como um assunto que merece mais atenção dos educadores e da escola, pois esta temática influi sobre toda a sociedade. Como vivemos em um mundo consumista, fruto da ação do capitalismo, suas ações têm gerado o aumento da exploração dos recursos naturais, e, portanto cabe à escola promover o ensino dessa temática e procurar “reverter” ou “minimizar” as causas dos problemas ambientais, uma vez que, trabalhando com base no desenvolvimento de valores e atitudes, como recomendam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de meio ambiente, o aluno poderá internalizar a causa ambiental e procura expor em ações concretas o seu aprendizado.

A pesquisa permite perceber que o ensino sobre o meio ambiente nas aulas de História se constitui em uma das possibilidades de trabalho interdisciplinar, uma vez que, ao estudar um determinado contexto histórico, o professor pode dar ênfase em como o meio ambiente era naquele momento e como este é visto hoje, ou naquele dado contexto como era a relação do ser humano com a natureza.

Diante dessa possibilidade de trabalho sobre o meio ambiente nas aulas de História, entendemos que a questão ambiental pode ser enfatizada nos anos iniciais do ensino fundamental, pois de acordo com a professora pesquisada, o ensino sobre o meio ambiente com base nas aulas de História nos permite compreender não só o passado, mas também pensar questões para o futuro. Em outras palavras, de acordo com os problemas surgidos no passado e a sua agravação no decorrer dos anos, podemos discutir o que fazer para melhorar o futuro e, esta responsabilidade, é de todos os cidadãos da sociedade. Por isso, se faz necessário começar a estabelecer as discussões desde cedo com as crianças dos anos iniciais para que estas comecem a desenvolver um processo de conscientização ambiental.

Então de acordo com a pesquisa, observamos que a docente conceitua a prática docente nos anos iniciais como desafiante e, que um dos maiores desafios, é envolver a família com os trabalhos desenvolvidos na escola e envolver os alunos a se interessarem com o ambiente escolar, no entanto, mesmo com as dificuldades apontadas pela professora, observamos que, quando o profissional tem compromisso com a sua profissão e busca desenvolver o seu papel, as coisas dão certo. Mesmo com os desafios da prática docente, observamos que é possível desenvolver aulas de acordo com a proposta dos PCNs que atende o meio ambiente como tema transversal, ou seja, que a

temática tem capacidade de ser trabalhado nas diversas disciplinas do currículo. Isso foi o que observamos, visto que a professora integra o ensino de meio ambiente nas aulas de história.

Nesta perspectiva, as discussões sobre o meio ambiente, também, podem partir do livro didático de História, pois de acordo com o livro analisado, este se constitui como um material rico em imagens e informações que possibilitam estabelecer uma ponte entre as discussões de conteúdos de História e assuntos de meio ambiente, contudo observamos que as imagens trazidas no livro didático ainda necessitam ser mais explorados pelos professores/as, pois como afirma Bittencourt (2008):

Quando se propõe aos alunos uma observação das ilustrações dos livros, essa atividade pode construir em um dos meios de se despertar a curiosidade sobre aspectos pouco destacados no ensino e na forma de leitura do livro. (BITTENCOURT, 2008, p. 86).

Por fim, com a presente pesquisa tivemos a oportunidade perceber que existem muitas possibilidades de ensino sobre meio ambiente, não apenas aquelas tradicionais restritas às aulas de Ciências ou de Geografia, mas, também, a partir das aulas de História, área do conhecimento que se constitui como uma disciplina fundamental para compreendermos o contexto de exploração dos recursos naturais, bem como entender que o maior responsável por tal situação é as ações do capitalismo. Por isso, a visão do meio ambiente a partir da História se constitui como fundamental para que os alunos compreendam o processo de exploração ambiental e possam procurar atuar de maneira harmoniosa com a natureza, empreendendo práticas sustentáveis que não agridam tanto o meio ambiente.

Essas novas formas de pensar e atuar no meio ambiente só serão possíveis quando o ambiente escolar se dedicar à causa ambiental e integrar todos os envolvidos no contexto escolar com esses problemas e buscar formar cidadãos que respeitam e cuidam da natureza e ainda que procurem consumir produtos oriundos de práticas sustentáveis, ou seja, produtos em cuja confecção foi levada em consideração a utilização de recursos naturais, de forma que não se comprometa a utilização desses recursos pelas futuras gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Alexandre; OLIVEIRA, Letícia Fagundes de; BORELLA, Regina Nogueira. **Projeto Prosa: história**. São Paulo: Saraiva, 2008, 4º ano.

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2003.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Meio ambiente e ensino de história**. In: HISTÓRIA e ENSINO, Londrina, v. 9, p. 37-62, out. 2003.

_____. Livros didáticos entre textos e imagens. In. Circe Maria Bittencourt (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 69-90.

BRASIL. Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: meio ambiente e saúde**. 3. ed. Brasília: A secretaria, 2001.

BRASIL. Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: geografia e história**. 3. ed. Brasília: A secretaria, 2001.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº9. 394**, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 6. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, 2011. Lei de Darcy Ribeiro.

CAMPOS, Maria Malta. Ensino Fundamental e os desafios da Lei n. 11.274/2006. In: **Salto para o futuro: anos iniciais do ensino fundamental**. Ano XIX – Nº 12 – Setembro/2009.

HENRIQUES, R.; TRAJBER, Rachel et al. CADERNOS SECAD. **Educação Ambiental: aprendizes de sustentabilidade**. Brasília: MEC Março de 2007.

CARVALHO, Marlene Araújo de. **A escola e a produção de saberes**. In: Formação de professores: escolas, práticas e saberes. Gomes Nadal, B; Mariná Holzmann Ribas... et. al (orgs). Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2005.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **A educação básica no Brasil**. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 80, setembro/2002, p. 168-200. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa Qualitativa**. In: Pesquisa em ciências humanas e sociais. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1995.

ESPÍNDOLA, Danielle Parker Andrade. **O uso do livro didático, em sala de aula, por professores de história**. (dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Educação da Universidade de Minas Gerais). Belo Horizonte, 2003.

FONSECA, Selva Guimarães e SILVA, Marcos Antonioda. **Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas.** In: Revista Brasileira de Historia, vol. 30, nº 60.

FREITAG, Bárbara (org.). **O livro didático em Questão.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GUIMARÃES, Valter Soares. **Os saberes dos professores - ponto de partida para a formação contínua.** In: Formação contínua de professores. Salto para o futuro/ TV escola. Boletim 13, Agosto de 2005.

http://eeefalceuamorosolima.blogspot.com.br/p/nossa-escola_28.html (Blogger da escola) Acesso em 04/08/2013.

JACOBI, Pedro. **Educação ambiental cidadania e sustentabilidade.** Cadernos de Pesquisa, n. 118, março/ 2003.

MATHIAS, Carlos Leonardo Kelmer. **O ensino de História no Brasil: contextualização e abordagem historiográfica.** Vol. 15 Nº 1 - janeiro/abril de 2011.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa e CANDAU, Vera Maria. Indagações sobre o currículo: currículo conhecimento e cultura. In: **Indagações sobre o currículo e Desenvolvimento Humano.** Brasília: Ministério da Educação, Secretária da Educação Básica, 2007.

MORAIS, Airton de. **As concepções de História presentes no Ensino Fundamental: as relações entre a historiografia, metodologias e o ensino de História.** Dissertação (Mestrado em educação) Universidade Estadual de Londrina - 2007. Londrina, 2007.

OLIVEIRA, Margarida Dias de. **Livros didáticos de história: pesquisa, ensino e novas utilizações deste objeto cultural.** In: O livro didático em questão.

PASSOS, Priscilla Nogueira Calmon de. **A conferência de Estocolmo como ponto de partida para a proteção internacional do meio ambiente.** In: UNIBRASIL: Revista Direitos Fundamentais & Democracia. Vol. 6, 2009.

PINTO, Maria das Graças Gonçalves. **O lugar da prática pedagógica e dos saberes docentes na formação de professores.** In: Acta Scientiarum. Education. Maringá, v. 32, n. 1, p. 111-117, 2010.

SANCHES, Tiago Costa. **Saberes históricos de professores nas séries iniciais: algumas perspectivas de ensino na sala de aula.** Londrina, 2009.

SEVERINO, Antônia Joaquim. **Teoria e prática científica.** In: Metodologia do trabalho científico. 23 ed. rev. e atualizada. São Paulo: Cortez, 2007.

TALAMINI, Jaqueline Lesinhovski. **O uso do livro didático de história nas séries iniciais do ensino fundamental: a relação dos professores com os conceitos presentes nos manuais.** Curitiba, 2009.

TARDIF, Maurice. ; LESSARD, Claude. O trabalho docente. Petropolis: Vozes, 2005.

XAVIER, Erica da Silva e CUNHA, Maria de Fátima da. **Entre a indústria editorial, a academia e o estado: o livro didático de história em questão.** Cadernos do CEOM - Ano 25, n. 34 - Arquivos e tecnologias digitais.



APÊNDICES



Universidade Estadual da Paraíba
Trabalho de Conclusão de Curso
Curso de Pedagogia
Aluna: Ângela Rodrigues Oliveira

QUESTIONÁRIO

Dados de Identificação pessoal:

Nome:

Profissão:

Escolaridade:

Etnia: Negra () Branca () Indígena ()

Outro () Qual? _____

Há quanto tempo leciona nos anos iniciais?

Há quanto tempo leciona nesta escola?

Você tem: ensino superior completo () ensino superior incompleto () Curso Normal
() Ensino médio incompleto () Ensino médio completo ()

1) Quais as dificuldades de ensino-aprendizagem que você identifica nas crianças nos anos iniciais e particularmente em sua turma?

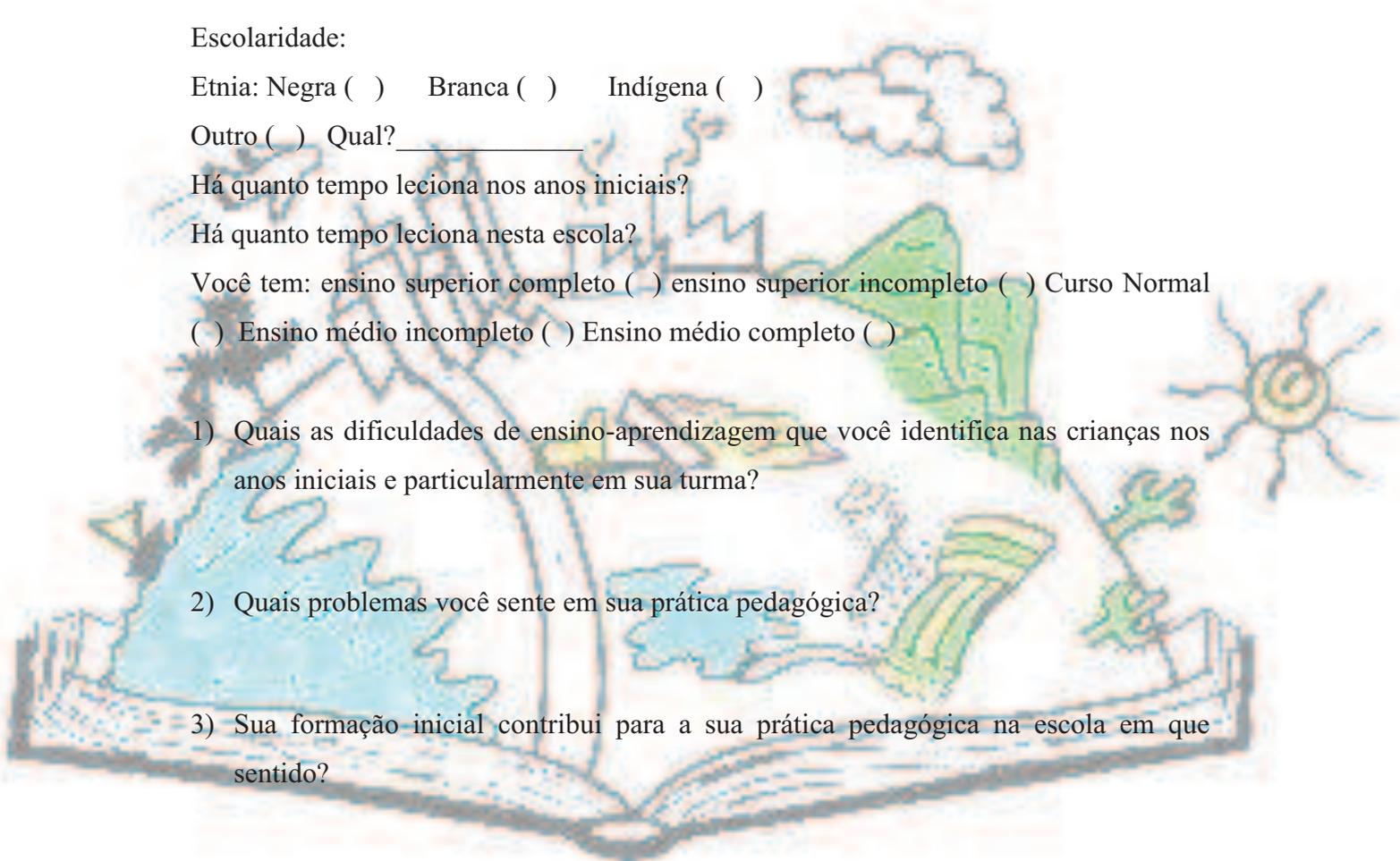
2) Quais problemas você sente em sua prática pedagógica?

3) Sua formação inicial contribui para a sua prática pedagógica na escola em que sentido?

4) Para você o que é ensinar nos anos iniciais e quais os desafios da docência neste nível de ensino?

5) Você discute sobre meio ambiente em sua sala?

6) Para você qual a importância de ensinar meio ambiente nos anos iniciais?



7) Você já discutiu sobre meio ambiente a partir das aulas de história? Por quê?

8) Como você vê a questão do meio ambiente no livro didático de história?

9) Na sua formação você teve discussões sobre o meio ambiente? De que tipo?

10) Para você qual a importância de abordar sobre meio ambiente nos anos iniciais?

11) O que você acha de ensinar sobre meio ambiente nos anos iniciais a partir das aulas de história?

12) Que tipo de discussão sobre meio ambiente você aborda com seus alunos?

13) Você utiliza o livro didático de história para trabalhar o meio ambiente? Se sim como?

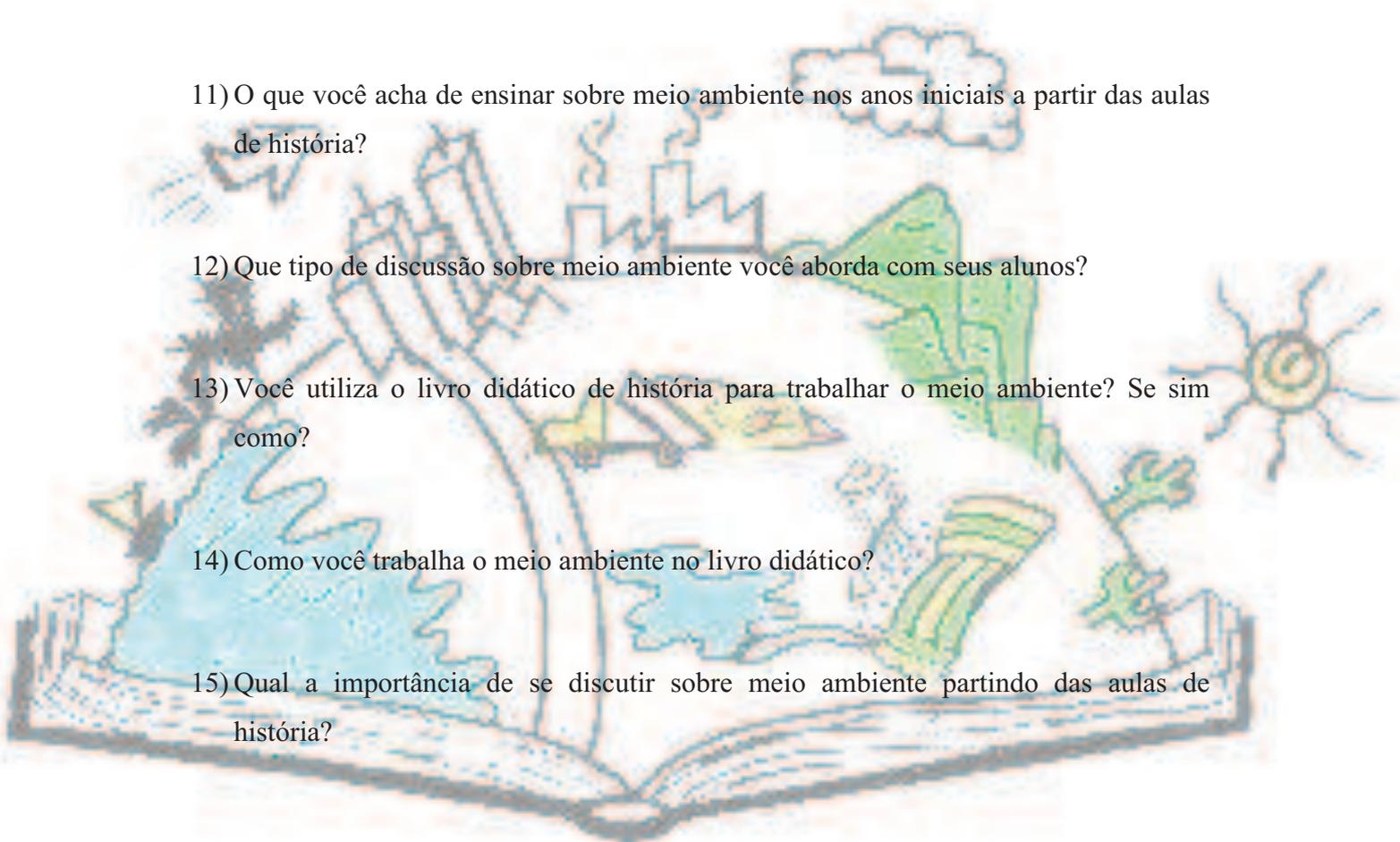
14) Como você trabalha o meio ambiente no livro didático?

15) Qual a importância de se discutir sobre meio ambiente partindo das aulas de história?

16) A escola em que você ensina costuma fazer alguma atividade pedagógica que envolva o tema meio ambiente?

17) Na sua prática pedagógica que tipo de metodologia você utiliza para trabalhar o meio ambiente?

18) Para você qual a importância de trabalhar sobre meio ambiente com crianças?



Universidade Estadual da Paraíba
Trabalho de Conclusão de Curso
Curso de Pedagogia
Aluna: Angela Rodrigues Oliveira
Professora: Patrícia Cristina de Aragão Araújo

QUESTIONÁRIO

NOME

IDADE

TURMA

TURNO

ANO (SÉRIE) QUE ESTUDA:

BAIRRO ONDE MORA:

Você se considera: Branco () Negro () Indígena () Outro () Qual?

1. O que você sabe sobre o meio ambiente?

2. Para você por que é importante preservar (cuidar) o meio ambiente?

3. Na sua escola você participa de discussão sobre meio ambiente?

() Sim () Não

4. Na sala de aula, a professora já comentou sobre a importância que se deve ter com o meio ambiente e a sua preservação:

() Sim () Não

5. Na sua família, os seus pais ou responsável por você já falou para você sobre a importância da natureza, dos animais, de manter limpo o ambiente para evitar sujeira:

() Sim () Não

6. O que você acha que deveria ser feito na escola para falar para os alunos sobre o meio ambiente:

() orientação com cartazes sobre a importância do meio ambiente

- orientação e cuidado sobre o meio ambiente a partir do ambiente da própria escola
- Mostrar como no livro didático a questão do meio ambiente é tratada e depois explicar aos alunos sobre ela.
- Convidar os pais e orientá-los e também os alunos sobre a importância do meio ambiente
- Todas essas opções
- Nenhuma opção

